ILUSTRAÇÃO

N.º 276—12.º ano

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

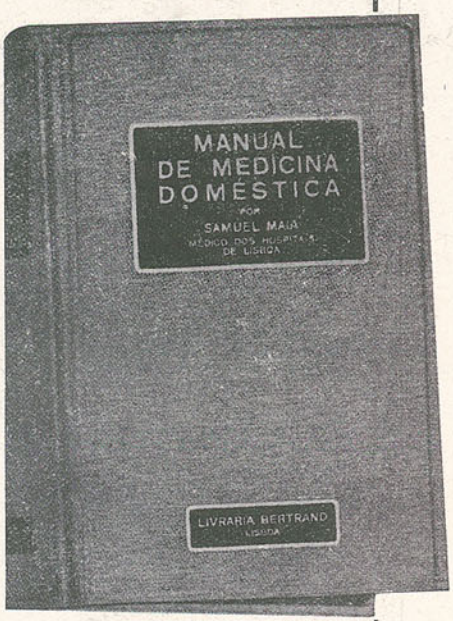
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. – BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

PRODUTOS

Mme CAMPOS

DE BELEZA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

VIAGENS

À VENDA

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A Africa e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

QUALQUER RUGA DESAPARECE!

Em 6 semanas

Uma senhora de 61 anos foi submetida a um tratamento quotidiano de cinco minutos, por um célebre doutor num hospital de Viena de Austria. Em 6 semanas, tôdas as rugas tinham desaparecido por completo. Reconquistou uma tez fresca de rapariga. A experiência foi renovada, diz um Jornal Médico de Viena, noutras senhoras de 60 a 70 anos, com os mesmos e notáveis resultados.

A história dêste milagre, é agora conhecida em todo o mundo. Tôda a senhora pode fazer pessoalmente o mesmo. O Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, descobriu que as rugas são causadas pelo desperdício de certos elementos vitais da pele. Após anos de pesquisas conseguiu obter estes preciosos elementos da pele de jovens animais, cuidadosamente selecionados. Chamou a êste produto, Biocel. Os direitos exclusivos respeitantes a esta surpreendente descoberta foram adquiridos, com grandes despezas, por Tokalon. O Biocel está agora combinado com outros elementos revitalizantes e nutritivos, no Créme Tokalon Biocel, Alimento para a Pele (Côr de Rosa). Rejuvenesce a epiderme, suprime as rugas e tonifica os músculos enfraquecidos da cara. As senhoras de 50 a 60 anos podem obter uma beleza juvenil que invejarão muitas raparigas. Garantia de 100.000 escudos por felizes resultados, senão, reembolso do dinheiro.

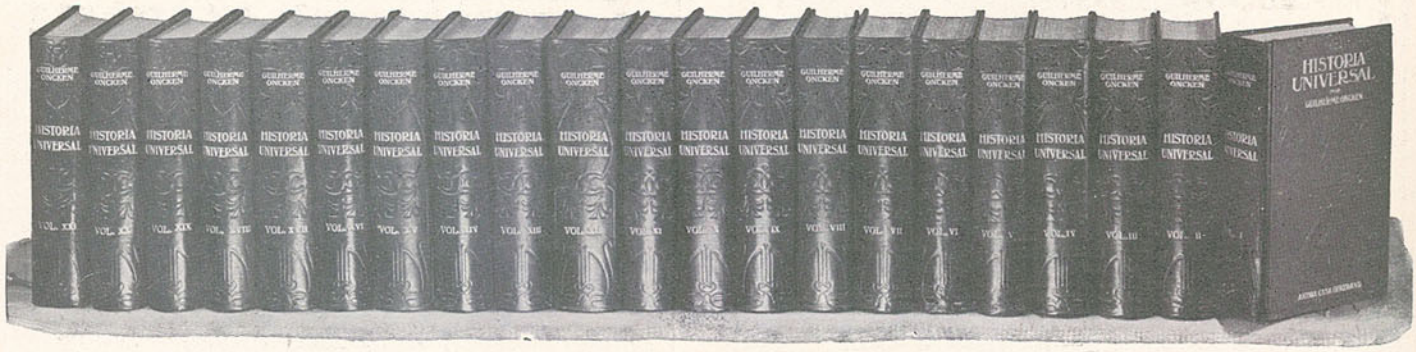
A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à

AGÊNCIA TOKALON

88, Rua da Assunção — LISBOA

que atende na volta do correio.

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

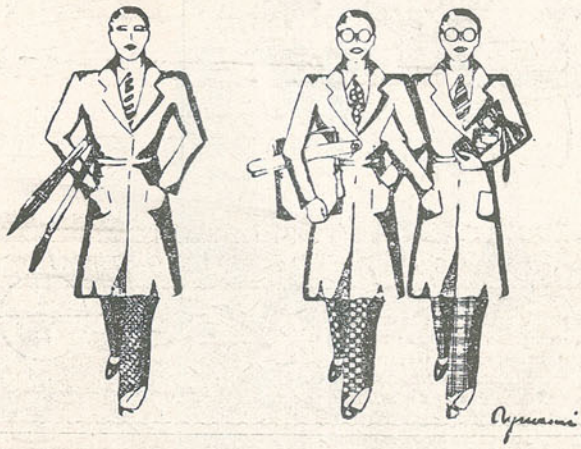
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**

Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Horas sem sofrer..
Horas felizes

Este petiz é o orgulho do pai, a alegria da mãi e o sol do lar. O seu feitio sempre vivo e natural torna-o favorito de todos. Para ele existe só a alegria neste mundo; ele não conhece a dôr - nunca a viu.
As crianças são auxiliadas pela natureza, os adultos pelo poder sedativo e reanimador da

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL,
DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE
POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 276 — 12.º ANO
16-JUNHO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

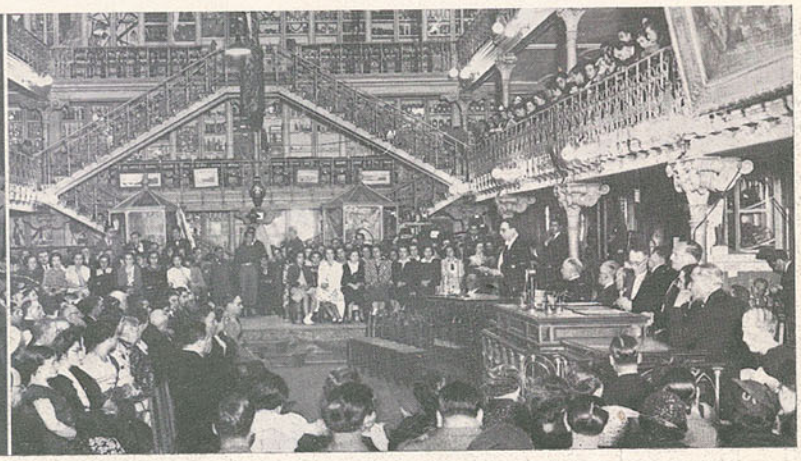
O HEROÍSMO ESPANHOL

Como se combatia no país vizinho há 130 anos, segundo uma estampa da época

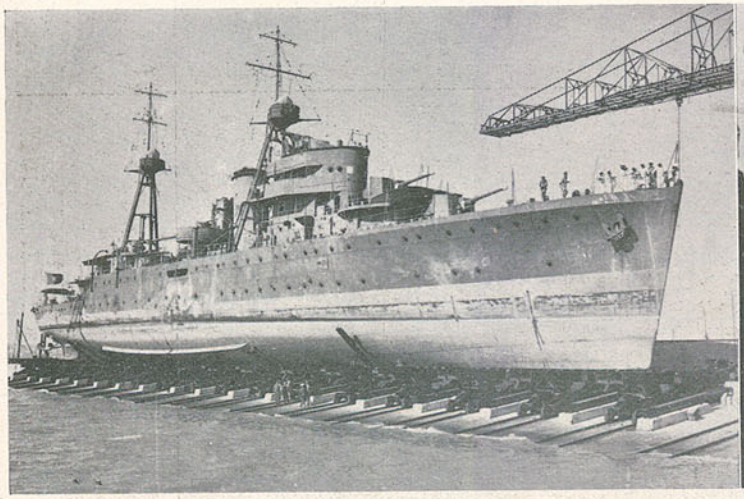
La inmortal Artillera Dª Agustina Zargoza — Su Esposo cae atrabesado con una bala de cañon, arrebatale el Lanzafuigo de la mano, y continua el fuego hasta q. la accion se gano con el mismo valor se presentó entodos los sangrientos choques del 1º y 2º sitio de Zaragoza. Fué premiada con 2 escudos, 1.ª medalla y el grado de Subteniente. — El Editor D. al bello

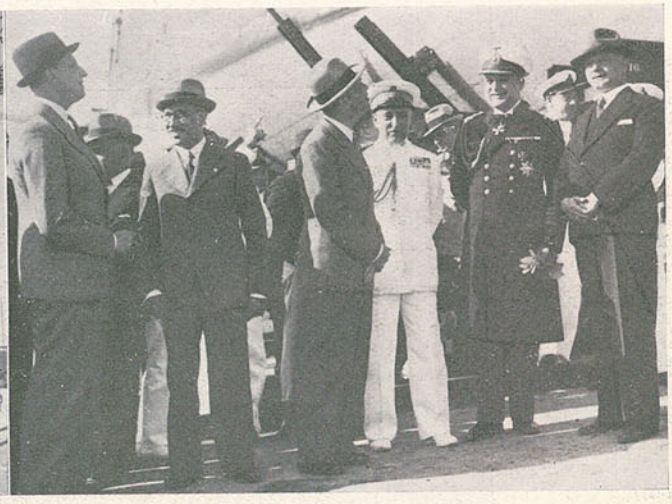
ACTUALIDADES DA QUINZENA

Na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, por motivo da Festa da Raça, realizou-se uma sessão solene a que presidiu o sr. dr. Afonso de Melo, tendo usado da palavra os srs. dr. Almeida Eusébio, dr. Hernani Cidade e dr. Cristiano de Sousa. Três brilhantes conferências que mereceram os mais entusiásticos aplausos. Entre a assistência, constituida na sua quási maioria por filiados nos grémios regionais, encontravam-se o sr. embaixador e embaixatriz do Brasil e numerosas individualidades dos nossos meios militar, literário e científico. A gravura à direita apresenta algumas das individualidades que tomaram parte na comemoração



Na Calçada de Santana, junto da casa indicada pela tradição como sendo aquela em que morreu Camões, realizou-se uma sessão evocativa do épico imortal. Aberta a sessão pelo sr. dr. Gilberto Marques que expôs o significado da cerimónia, foi dada a palavra ao almirante Gago Coutinho que, num notável discurso, se referiu à obra do Poeta e à influência que ela exerceu naquela época nos domínios da ciência, sobretudo nos conhecimentos que forneceu de Astronomia; pois os «Lusíadas» estão cheios de citações que muito úteis foram aos estudiosos daquele tempo. Usou também da palavra a poetisa Graciete Branco. A gravura à esquerda mostra o almirante Gago Coutinho discursando. — Á direita: um aspecto da Sala Portugal da Sociedade de Geografia





No novo Arsenal do Alfeite realizou-se a cerimónia oficial do plano inclinado que se destina a receber navios que necessitem reparações em sêco. Assistiram os membros do Govêrno e os adidos navais estrangeiros, tendo sido condecorados com a Ordem do Mérito Industrial um engenheiro e três velhos operários. A gravura, à esquerda, apresenta o «Afonso de Albuquerque» depois de içado; a da direita mostra os membros do Govêrno e os ádidos navais estrangeiros junto da quilha do «Afonso de Albuquerque», no plano inclinado. Vem a propósito dizer que a subida do barco se fez em quarenta e cinco minutos, honrando assim o esfôrço dos nossos construtores

NOTAS DA QUINZENA

EM honra dos representantes do Município de Paris, os ministros da França deram um «garden-party» no palácio da Legação (a Santos-o-Velho) que decorreu animadíssimo. O tempo, delicioso, muito contribuiu para ainda mais realçar o que já de si era belo Na assistência: os srs. ministros da Educação Nacional, das Colónias, do Comércio e da Marinha, quási todo o Corpo Diplomático, Altos comandos do Exército e Armada, muitos professores da Universidade, os mais distintos membros da colónia francesa, etc etc. A nossa gravura apresenta os srs. dr. Samuel Maia, Joaquim Leitão, madame Amé-Leroy. o presidente do Município de Paris e sr. Amé-Leroy, ministro da França em Lisboa, pouco antes do grandioso festival, nos jardins da Legação junto da mesa a que, segundo a tradição, esteve sentado o rei D. Sebastião antes de embarcar para a jornada de Africa

COMO encerramento do ciclo das conferências vicentinas, o eminente Presidente da Academia das Ciências, sr. dr. Júlio Dantas pronunciou uma magistral lição sôbre «O Espírito da Reforma na obra de Gil Vicente» que foi coroada com os mais calorosos aplausos. Assim se encerrou com chave de oiro as comemorações vicentinas. A gravura acima mostra o sr. dr. Júlio Dantas com as personalidades que assistiram à sua conferência. — A' direita: os srs. ministros da Educação Nacional e da França presidindo à sessão inaugural das instalações do Instituto Francês em Portugal, no Palácio Abrantes

NO Club Inglês realizou-se um banquete em honra das individualidades portuguesas que foram assistir às festas da coroação de Jorge VI. Este banquete decorreu no ambiente da mais franca cordealidade, constituindo mais uma forte demonstração da velha e tradicional amisade luso-britânica. A nossa gravura apresenta um aspecto da assistência ao banquete. A' direita: a embaixada dos estudantes brasileiros na sua visita à Faculdade de Medidina onde lhes foi oferecido um «Pôrto de Honra»

O Chefe do Estado em Viana do Castelo

Tendo partido em gôzo de férias para o norte do País, o sr. Presidente da República foi alvo das mais entusiásticas manifestações. A gravura que encima esta página mostra o sr. General Carmona e sua esposa cobertos de flores na sua chegada a Viana do Castelo

Alguns aspectos da apoteótica manifestação tributada ao sr. Presidente da República na sua chegada a Viana do Castelo: na primeira fotografia, à esquerda, vê-se o Chefe do Estado, acompanhado por sua esposa, ladeado por vienesas e senhoras de sociedade à porta do hotel de Santa Luzia. Seguindo as restantes fotografias pela mesma ordem, vê-se o sr. General Carmona agradecendo com um sorriso a grande manifestação de que foi alvo. Um aspecto da passagem do cortejo na Praça da República. A multidão aguardando a chegada do Chefe do Estado. O sr. Presidente da República passando em revista o terço da Legião Portuguesa de Viana do Castelo. Em tôdos estes documentos se patenteia o carinho com que o ilustre Chefe do Estado foi recebido através do Norte do País que assim manifesta eloqüentemente a sua gratidão

A MORTE DO WALTER

Little Walter

Faleceu há dias na cidade de Castelo Branco o célebre palhaço Little Walter que tanto divertiu o público de Lisboa, e de cuja graça esfusiante todos nós nos recordamos — embora tardiamente como sempre! — com verdadeira saüdade...

Walter morreu, esquecido e pobre, numa mísera barraca de circo ambulante, depois de ter recolhido os aplausos dos principais circos do Mundo.

Pobre palhaço! Ao cabo de cinqüenta e oito anos de existência agitada, em que adquiriu e gastou três fortunas, acaba roído pela doença e pela miséria, farto de passar fome, embora fingindo rir como sempre!

Conta-se que, um dia, sentindo-se atacado por uma terrível neurastenia, procurou um médico de grande nomeada para que o observasse. Passava-se isto nos bons tempos do Coliseu de há vinte e tantos anos... O clínico, que não conhecia o Walter, pois sempre o tinha visto caracterizado, aconselhou-lhe distracções que lhe desvanecessem o aborrecimento feroz que o torturava.

— Distracções... distracções — murmurava o Walter tristemente — mas se nada há que me possa distraír!...

— Olhe: uma boa ideia! — lembrou o médico — experimente ir até ao Coliseu, pois há lá um palhaço, o Walter, que é capaz de fazer rir as pedras.

— Pobre Walter! — murmurou o palhaço com amargura — como poderia êle distrair-me, se o Walter sou eu?!

Quando veiu pela primeira vez a Lisboa pouco mais tinha que vinte anos de idade e vinte mil ilusões a desfolhar. Saíra de Liége, sua terra natal, acompanhado por um *clown* de certa nomeada chamado "Pinta„ que não o deixava brilhar.

Da segunda vez que visitou Portugal, então sim, é que atingiu a celebridade que tanto aspirava. Fazia-se acompanhar por Antonet, com o qual criou um género novo, aproveitando as excepcionais qualidades de músicos excêntricos que ambos possuiam. Dentro em pouco choviam os contratos da parte dos mais importantes empresários de Paris, Berlim, Londres, Madrid e até de S. Petersburgo.

Em Lisboa, Walter casou com a artista Emilie Lecusson, portuguesa de nascimento mas francesa de origem, correndo tudo às mil maravilhas.

Em 1914, rebentando a Grande Guerra, os dois palhaços não se eximiram ao sagrado dever de defender a pátria. Enquanto Antonet seguia para a Itália, Walter corria a Bruxelas a alistar-se no exército, tendo-se batido heròicamente nas trincheiras.

Quando, quatro longos e dolorosos anos foram decorridos, Walter estava mais pobre do que nunca e tinha a saúde arruïnada para sempre. Calcule-se que até umas casitas que comprára próximo de Liége foram totalmente destruïdas pelas granadas. Como se não bastasse, uns terrenos que tinha adquirido na Amadora, com o fim de construir uma vivenda, foram expropriados para a construção do aeródromo, nada obtendo o seu proprietário que o indemnizasse!

Em face de tantas calamidades, quando todos se embrenhariam no mais atroz desespêro, Walter foi forçado a rir para fazer rir os outros.

E prosseguiu na sua vida errante...

Um ilustre cronista, que muito bem conheceu o palhaço, encerrava assim a notícia necrológica:

"Há anos, desapareceu de Portugal e andou muitos meses pela Europa. Mas voltou. Depois da França — Walter, após a guerra, naturalizou-se francês — o nosso País era o preferido do palhaço. Veio pela última vez há seis anos. Alugou uma casa na rua da Glória, e ali foi vivendo nos intervalos das *tournées* pela província — o grande e triste fantasma dos artistas. Restavam-lhe as medalhas ganhas na guerra, a comenda da Benemerência concedida pelo Govêrno português — êle representou tanta vez nos asilos e nos hospitais infantis! — e a medalha de ouro da cidade do Pôrto. Não tinha um vintem. E começou o declínio. Walter esqueceu. O seu nome célebre já não aparecia nos jornais — andava impresso nos modestos rèclamos volantes que se distribuem "quando chegam os saltimbancos„. Há um ano, em Coimbra, apareceu aos estudantes no "Circo Mariano„ instalado na Praça da República daquela cidade. Deram-lhe muitas palmas, gritaram o seu nome e, acabado o intermédio, no modesto camarim de lona, o artista chorou, abraçado a um amigo que lhe recordára as noites do Coliseu.

"Há cerca de três meses, partira, de novo para a província. Em Abrantes adoeceu. Os médicos não lhe diziam a doença — talvez para o não fazer sofrer mais. E, há dias, em Castelo Branco, o palhaço piorou. Seu genro, o artista de circo, Geo, casado com a filha mais velha, Elena Walter, correu a Lisboa, a tratar do internamento num hospital...„

Era tarde! Entretanto, Walter morria rodeado de tôda a sua família que com êle trabalhava no "Circo Music Hall„.

E, por fim, a notícia termina tristemente:

"A família de Walter não tem dinheiro para remover o corpo para Lisboa, onde, num dos cemitérios, Emilie Lecusson tem um jazigo!„

Assim acabou o famoso palhaço que tanto deliciou o público lisboeta e tão ingratamente foi esquecido!

Após a sua morte, os jornais noticiaram o projecto de certo empresário que tencionava apresentá-lo em Lisboa como *compére* duma revista.

E daí, talvez dêsse. Pelo menos, sempre se minoraria a miséria do desventurado artista.

Pena é que estas ideias cheguem sempre tarde de mais!

E daí — quem sabe? — talvez fôsse melhor assim para sossêgo dum desventurado que arrastou tôda a sua vida com o triste ofício de fazer rir os outros, enquanto o seu coração se confrangia na maior amargura...

"Ri, palhaço!„ Ri, embora a tua alma sôfra! Ri para que os outros riam alvarmente, que, no final do intermédio cómico, se o espectáculo fôr rendoso, o empresário que te alugou há de atirar-te uns restos de pão duro...

Pobre Walter! Descansa em paz!

D. Maria II

A viuvez de D. Maria II

Como se finou um príncipe sonhador

ATROAVAM os ares as salvas reais com que as fortalezas e os barcos de guerra, surtos no Tejo, saüdavam o navio, que trazia a seu bordo o prometido esposo dá Rainha Senhora D. Maria II. Os seus esponsais tinham sido realizados já, por procuração, na Sé Patriarcal, a 8 de Novembro de 1834. Na manhã de 25 de Janeiro fundeava em frente do Arsenal da Marinha a embarcação, que transportava o joven duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz, que era acompanhado desde a Baviera, pelo marquês de Ficalho, comissário nomeado pela Rainha para conduzir o Príncipe desde Munique até á Côrte portuguesa. Além dêste fidalgo português. vinha também na companhia do Príncipe o conde de Mejan, camarista de Sua Majestade, o rei da Baviera.

Era um dia de Janeiro, mas, naquela manhã, o sol despontára brilhante e quente, para se reflectir nas águas azuis do Tejo, e o tempo ameno permitiu a Sua Alteza Imperial a Senhora Duquesa de Bragança o embarcar numa galeota real, para ir ao encontro do irmão, mais novo do que ela e a quem ela, havia alguns anos, não tinha avistado. Desde que D. Pedro I, Imperador do Brasil, chegara a Lisboa tinha residido, assim como sua esposa, com sua filha, no Palácio das Necessidades e como depois da sua abdicação de Imperador a favor de seu filho, havia adotado o título de Duque de Bragança, a sua segunda esposa, e agora sua viúva, fazia uso do mesmo título.

A chegada do Príncipe era esperada pela Rainha (que então contava apenas quinze anos de idade) com ansiedade e acanhamento. A madrasta havia-o insinuado na imaginação da jóvem Rainha como um herói da lenda, belo cavaleiroso, e, como era profunda a amisade de D. Maria II pela consorte de seu pai, já antevia no seu esperado esposo um detentor de todas as virtudes, como um herói dos Nibelungos. O dia da chegada do Príncipe e os dois subseqüentes foram de grande gala na Côrte. Além das salvas reais, repicaram alegres os sinos das freguezias, e á noite houve luminárias nos sítios do estilo, e isto durante os três dias. Logo que o telégrafo anunciou que a embarcação trazendo o Príncipe a seu bordo, estava à vista, dirigiu-se para ela o Major General da Armada e o Gentil Homem da Real Câmara, que logo ficou ao serviço de Sua Alteza. Sua Alteza Imperial, a Serenissima Senhora Duquesa de Bragança, quando também recebeu aquela notícia, saíu imediatamente do Palácio num côche escoltado por uma guarda de honra, que a acompanhou até à galeota. Igualmente se dirigiram para bordo, afim de cumprimentar o Príncipe, os Ministros de Estado, os Conselheiros de Estado, os Oficiais Mores da Casa Real, os Gentis Homens da Real Câmara e os Viadores. O duque desembarcou no Real Arsenal da Marinha com sua irmã, e ali era esperado pelo batalhão de Caçadores 5, de que o mesmo augusto senhor já era coronel. Do Arsenal encaminharam-se as duas augustas personagens, seguidas de um brilhante séquito, para o Palácio das Necessidades, para que Sua Alteza Real se apresentasse, pela primeira vez a sua esposa e soberana, Sua Majestade Fidelíssima, a Senhora D. Maria II.

No vestíbulo do Palácio foram irmã e irmão recebidos pelos ministros e secretários de Estado e pelo Gentil Homem da Real Câmara. Na porta que dá ingresso para a Sala dos Archeiros foram Sua Alteza Real e Sua Majestade Imperial recebidos pela marquesa camareira mór e pelas damas D. Maria Margarida de Melo Breyner e D. Maria das Dores de Sousa Coutinho. Á entrada da Sala de Recepção esperava-os Sua Majestade Fidelíssima, acompanhada de Sua Alteza Real a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, a quem D. João VI deixára, por sua morte, regente do reino, até que fôsse proclamado o legítimo herdeiro e sucessor da corôa.

A Rainha tinha então 15 anos e o espôso tinha mais dez. Era alto, de cútis muito alva e cabelo castanho claro. Toda a aristocracia dos seus antepassados brilhava no seu porte distinto e nos seus olhos profundamente azuis. Pareceu à Rainha que a madrasta não havia exagerado, a respeito do que lhe dissera do irmão, e deu a mão a beijar ao espôso, com a dignidade de uma rainha e o enleio de uma donzela.

Na Quinta Real de Belem haviam sido preparados aposentos para o Príncipe, mas como o tempo continuava amêno, êle preferiu voltar para bordo, donde desembarcou na manhã seguinte no Cais das Colunas. No Terreiro do Poço tinha-se armado uma grande tenda de campanha, onde o Príncipe recebeu os cumprimentos do Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Lisboa e mais pessôas de categoria, e nesta tenda se conservou até o momento em que foi encorporar-se no préstito que do Palácio das Necessidades se dirigia para a Basílica de Santa Maria Maior, onde os dois esposos haviam de renovar o seu consórcio, por palavras, e receber as bençãos da Santa Madre Igreja.

O préstito tinha saído do Palácio ás 11 horas da manhã e as ruas por onde havia de transitar, desde as 9 horas que se achavam limpas e areadas. Do Palácio entrou o cortêjo pela Travessa do Sacramento e Rua do mesmo nome e continuou com o seguinte itinerário: Rua Direita de São Francisco de Paula, Rua Direita das Janelas Verdes, Calçada do Marquês de Abrantes, Rua da Boa Vista, Rua de São Paulo, Rua do Corpo Santo, Rua Augusta, Travessa da Conceição Nova (vulgo Rua dos Retrozeiros), Largo da Madalena até ao Largo da Basílica de Santa Maria Maior.

As salvas reais anunciaram a saída do cortejo, que era deslumbrante. A Soberana era acompanhada por Sua Alteza Imperial a Duquesa de Bragança e por Sua Alteza Real, a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria em Grande Estado, precedidas e seguidas de grande e luzido acompanhamento. Abria o cortejo uma partida de cavalaria servindo de batedores; seguiam-se 4 moços de estribeira e os azemeis com os degraus para Suas Magestades Imperiais e Reais se apearem.

Vinha depois a Música das Reais Cavalariças, a cavalo, e logo 6 Porteiros de Cana, os dois de diante com Canas e os outros com Massas e todos de capa e volta, e descobertos. Depois seguiam-se os Reis de Armas, Arautos, Passavantes de Cota de armas a cavalo e descobertos. Tôdas estas personagens, à excepção dos Moços de Estribeira, Azemeis e Músicos levavam cada uma 2 criados a pé.

Vinham depois as carruagens com o Presidente e Vereadores da Câmara Municipal, o Prefeito da Estremadura, os membros dos Tribunais, os Titulares, os Oficiais Mores, os Vereadores da Real Câmara, os Gentis Homens, os Grandes do Reino, Ministros, Secretários de Estado; um esquadrão de cavalaria e logo um côche da Casa Real conduzindo o Porteiro Mór da Real Câmara. Seguiam-se outros côches conduzindo as Senhoras e cada côche era acompanhado de 4 criados a pé, descobertos. Sua Majestade Fidelíssima ia no último côche acompanhada pela Duqueza de Bragança e pela Infanta D. Isabel Maria. Na altura da Rua Augusta, o Principe Duque de Leuchtenberg juntou-se ao cortejo tomando lugar à esquerda de Sua Majestade Fidelíssima sua Consorte e Soberana. Também tomavam parte no cortejo a Marqueza Camareira, Mór D. Maria Margarida de Melo e D. Maria das Dores de Sousa Coutinho e as Damas Camaristas, Marquesa de Cantagalo e D. Francisca de Macombe, Dama da Duquesa de Bragança e ainda D. Maria do Resgate de Noronha, distribuïdas em vários côches. Fechava o sumptuoso préstito um regimento de cavalaria. Chegado que foi o régio côche diante da escada principal da Sé Catedral, desceram dêle Suas Majestades e Altezas e, tendo Sua Majestade Fidelíssima dito ao Marquês Mórdomo Mór que desse ordem para se cobrirem os Grandes do Reino e os Gentis Homens da Real Câmara, tanto uns como os outros fizeram apenas menção de colocarem os chapéus na cabeça, tirando-o imediatamente, porque era assim que se tinha praticado no reinado e em presença de Sua Majestade Fidelíssima a Senhora D. Maria I. No vestíbulo da Basílica de Santa Maria Maior entrou a Augusta Soberana e Seu Augusto Esposo debaixo de pálio, que ali já os esperava, sendo recebidos pelo Cardial Patriarca e por todo o Corpo da Capela da Santa Igreja.

Acabadas as preces e orações, celebrou missa um Monsenhor Prelado, após o que o Cardial Patriarca dirigiu aos nubentes o Interrogatório da Ratificação do Matrimónio, e, depois de um canto festivo, lançou as Bençãos Nupciais sôbre os Augustos Esposos ajoelhados. No regresso ao Palácio, o préstito seguiu na mesma ordem em que tinha saído. No dia seguinte, os dois esposos dirigiram-se ao Palácio da Ajuda, onde receberam as felicitações do corpo diplomático e das pessoas da mais alta categoria. À noite assistiram à récita de gala no Real Teatro de São Carlos, onde foram muito ovacionados. Dêsse dia em diante, os esposos receberam as pessoas de distinção, que os desejassem cumprimentar no seu Palácio das Necessidades e todos os dias saíam a passeio de carro ou a cavalo. No dia 27 do mês seguinte, o Príncipe saiu do Palácio às 6 horas da manhã para visitar o convento de Mafra, e desde o seu enlace até ao dia 29 de Março sempre o boletim oficial da Real Câmara anunciava que Suas Majestades e Altezas passavam sem novidade em sua importante saúde, mas um jornal da época, datado de 30 dêsse mês publicava a seguinte notícia: "O muito Alto e Poderoso Príncipe D. Augusto Carlos Eugénio Napoleão, Duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz, Par do Reino, Marechal Comandante em Chefe do Exército Português, etc., fechou o termo da sua carreira mortal às 2 horas e 20 minutos da tarde do dia 23 do corrente. Sua Alteza Real, vítima prematura de funestissima enfermidade, que o roubou à confiança do Exército e à simpatia da Nação, nasceu a 9 de Dezembro de 1810. Sua educação foi clássica e os esforços da Arte se casaram nele aos dons da natureza para dar o possível desenvolvimento e realce a seu engenho e disposições felicíssimas.

Príncipe D. Augusto de Leuchtenberg

A esta educação científica acrescia a moral e a do exemplo; desde o berço vira o Príncipe uma cêna nunca interrompida de glória, — ouvira recontar as façanhas de seu Pai, — apenas poude afirmar seus vacilantes passos, que pisava êle? prodígios; — que sons chegavam aos seus ouvidos? o estrondo dos canhões ou os hinos da vitória; — tudo nessa grande época se ressentia do génio e do império do Homem dos Séculos; — todos os acontecimentos que se sucediam em redor do Príncipe eram incentivos para a imaginação, estímulo para o pensamento; — e as virtudes do grande Eugénio, modêlo para o seu coração. Esta a escola do Príncipe, mui jóvem ainda, quando faleceu seu pai. Vivia nos seus Estados da Alemanha, quando o Duque de Bragança, então Imperador do Brasil, onde foi acolhido com tôdas as honras devidas à sua alta gerarquia: o Imperador o nomeou Duque de Santa Cruz e o Príncipe aí persistiu até que o Senhor D. Pedro abdicou o trono e veio para a Europa acompanhado dêle e de Sua Augusta Espôsa. A expedição portuguesa, — o cêrco do Porto — e a morte do Libertador foram sucessos que se seguiram rápidos como um sonho! ai! mais rápido se seguiram ainda o casamento e a morte do Príncipe e quási à mesma hora lhe ornaram a excelsa fronte a rosa nupcial e a verbena do túmulo. Neto adoptivo do Homem dos Séculos, genro e cunhado do Duque de Bragança, herdeiro da espada de D. Pedro, Esposo da Rainha de Portugal, chefe de um povo ainda há pouco escravo da tirania, mas agora livre e digno de o ser, imenso era o legado de glória que êle tinha para cumprir; difícil era sua Missão; vasta e brilhante entretanto a carreira que se lhe abria! Quando na Espanha arde ainda a guerra civil; — quando na França oscila entre os precipícios e os princípios; — a Inglaterra entre o receio do futuro e o temor do passado; — ansiosa por achar um meio termo entre retrogradar ou subverter-se; — quando a Itália geme ao recordar-se do que fôra; a Alemanha é inalterável, como a política de Metternich; — e a Rússia inacessível ao fogo da liberdade e fria como os gelos do polo; — Portugal poderia (e ainda poderá, nós o esperamos!) poderia, com um Príncipe ilustrado à sua frente, isento dos males que afligem os outros Estados, marchar pela vereda da civilização e prosperidade. Mas o sepulcro, sempre avaro das existências apreciáveis, roubou-nos êste Príncipe; assim o túmulo devorou o defensor do Porto, assim o proscrito de Santa Helena!

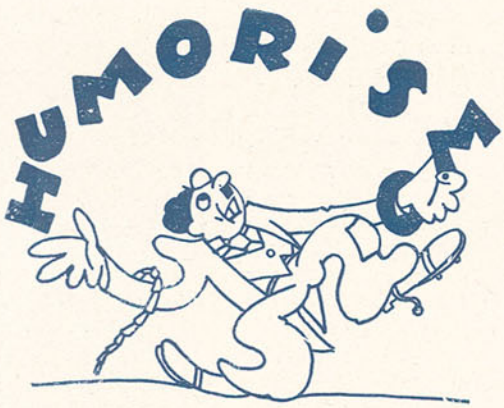
Lancemos flores e lágrimas sôbre o túmulo do Príncipe, e confiemos nos destinos da nossa Pátria».

Já lá vai um século, mas a figura do príncipe sonhador que viera desposar a filha do Rei Soldado ainda não se desvaneceu da recordação do nosso povo.

Simpático foi, sem dúvida, o segundo marido da senhora D. Maria II, o nobre Saxe-Coburgo-Gotha que tanto amou as artes... Mas a recordação do malogrado príncipe Augusto de Leuchtenberg manter-se-á perene...

Adolfo Benarús.

HUMORISMO



PRÉGAVA, numa tarde de quaresma, um orador de fama na igreja da Misericórdia, e as senhoras Silveiras formavam tenção de o ir ouvir, mas os ares estavam toldados e ameaçavam grande temporal. Não importa; foram, deixando bem recomendado a um moleque que tinham, que, se visse chover, lhes levasse à igreja chapéus de chuva e galochas.

Abriram-se daí a pouco as cataratas do céu, e o moleque, pegando em dois pares de galochas e em duas sombrinhas, dirigiu-se para a igreja.

Discursava o orador os errados caminhos que o pecador seguia na terra, buscando umas vezes o prazer, outras a falsa glória, outras a riqueza, outras ainda a perdição do corpo e da alma, e, voltando-se para o lado da porta no momento em que o moleque transpunha o guar-

— Minha senhora, estão ali duas pessoas que querem falar-lhe...
— E de que sexo?
— Não sei, minha senhora, não me disseram!...

da-vento, exclama, dirigindo-se ao auditório:

— Homem, que queres tu? que buscas?

O criado, que ouviu isto, crendo que falava com êle, responde:

— Busco as sr.as Silveiras, sr. padre. Trago-lhes aqui as sombrinhas e as galochas.

■

— Sabes? O Jesuino matou-se.

— Pobre rapaz! e porquê?

— Neurastenia... Andava sempre aborrecido...

— Mas que maneira tão estúpida êle havia de escolher para se distrair.

■

— Ó papá, o imperador Napoleão era muito valente?

— Era valente até à temeridade. Venceu muitas guerras.

— Mas então porque o põem nas estampas, sempre de longe, a vêr a guerra por um óculo?

A dona da casa, entrando na cosinha, fica assombrada com a maneira de fazer café usada pela criada.

— Pois você está a passar o café por uma meia?!

— Não faz mal, minha senhora. Ela estava suja.

■

Um cavalheiro, que tinha dois pares de botas, um de polimento e outro de vitela, ao levantar-se chamou o criado e disse-lhe:

— João, traze-me as botas.

O João trouxe-lhe uma bota de polimento e outra de vitela.

— Bruto; queres que eu calce uma bota de cada qualidade?

— Pois, senhor, contestou o criado, não sei como possa remediar isso, porque o par que lá está é exactamente igual a êste.

■

Querendo certo burguês isentar seu filho do serviço militar, foi pedir a um médico que lhe atestasse que era muito doente e que, por isso, o rapaz era o seu amparo.

Recusou-se a princípio, o médico, a passar o atestado, porque conscienciosamente sabia ser falsa aquela asserção; mas, como o dinheiro tudo move, e agradando-lhe a remuneração oferecida, logo atestou e jurou por seu grau.

Depois de o manhoso burguês ter no bôlso o documento exigido, entregou ao

— Não podemos seguir viagem.
— Porquê?
— Calcula que há uma panne num descampado... Como caberiamos os dois debaixo do carro.

vendedor da consciência uma libra, e acrescentou: "não tem volta".

Assestou o médico a luneta no nariz, e, depois de haver examinado bem a moeda, diz:

— Não esperava que me fizesse jurar uma mentira para receber uma libra falsa!

— Costumo pagar a fazenda pelo seu justo preço, disse o burguês sorrindo. É falso o atestado, falsa deve ser também a paga.

■

O conde de X. entrava uma noite para sua casa de muito mau humor.

— Meio tostãozinho, pelo amor de Deus! diz-lhe um pequeno que se lhe atravessa no caminho.

— Não tenho trôco.

O rapazinho não descorçoa, e continua a súplica do meio tostãozinho.

— E' inútil; nunca dou nada aos pobres.

— Porque é que lhe chamam o Doutor Entrudo?
— Ora!... Porque só receita papelinhos!

— Então a quem dá? volve-lhe o gaiato sem se perturbar, nem desistir.

O conde sorriu, e tirando cinco tostões do bolso:

— Toma, rapaz, eu dou á gente de espírito.

■

Um amador contemplava um quadro que representava as figuras alegóricas da Paz e da Justiça nos braços uma da outra.

— Coitadas, dizia êle comovido, abraçam-se, despedem-se para nunca mais se tornarem a ver!

■

Um sujeito, servido no pedido de empréstimo de dinheiro que satisfez integralmente e em tempo combinado, voltou ao mesmo capitalista para novo empréstimo, recebendo como resposta:

— Nada, não senhor, Quem me enganou uma vez não me torna a enganar.

— O' meu caro amigo, então eu não lhe paguei pontualmente?

— Por isso mesmo é que me enganou, que eu, quando lho emprestei, dava o dinheiro por perdido.

CONDUCE TE IPSUM!

Conselhos dum burguês dos velhos tempos a sua filha

Não procures a riqueza; ela dá mais desgostos do que contentamento. A riqueza é uma dura provação, imposta por Deus aos mortais — raros a vencem.

Mas foge da miséria, que degrada. Sê trabalhadora e poupada como a formiga. Não avarenta, ainda que tenhas pouco.

Não deixes nunca de socorrer a doença e a invalidez. E que todos os órfãos, encontrem em ti carinhos de mãe, e a todos os pobres honrados recebas como a teus parentes mais chegados: mesmo aos mais miseráveis olha-os com indulgência.

A todos os infelizes tratarás como se fôsses sua irmã, e aos mais desgraçados, como se fôsses sua serva.

Mas aos dominadores prepotentes, desprezá-los-ás em teu coração. À riqueza insolente, nem a vejas; à fôrça arbitrária desafia-a mesmo: não fica mal à mulher ser varonil, defrontando a tirania.

Vaidade? Glória?

De glória — basta que todos os dias te corôe o Sol, quando ao nascer, te encontre já na horta, na varanda ou no eirado, labutando.

Se alguém te chamar bela ou talentosa, vê bem que é para te lisongear — e é lícito que lhe voltes um semblante frio.

Despreza tôda a intriga.

Não faças nem digas o que se não pode saber. Que sempre a tua vida seja clara como a luz do dia — e não temas a calúnia. Perdôa setenta vezes sete vezes, como manda o Evangelho — mas não mais...

Põe todo o esmero no asseio: — a limpeza Deus a amou.

Mas não vistas galas... De vestuário, basta que cubramos o corpo com recato.

O pescoço — para que o adornar? Mas um colar simples, uma estreita fita não serão pecado.

De aneis, não usarás senão a tua aliança de casamento. Se as tuas mãos forem feias, os aneis só servirão para chamar a atenção para essa fealdade; se forem lindas, os enfeites só as poderão desmerecer: não há coisa mais bela do que umas belas mãos, mas nenhumas serão mais belas do que as mãos calosas do trabalho que espalham o bem.

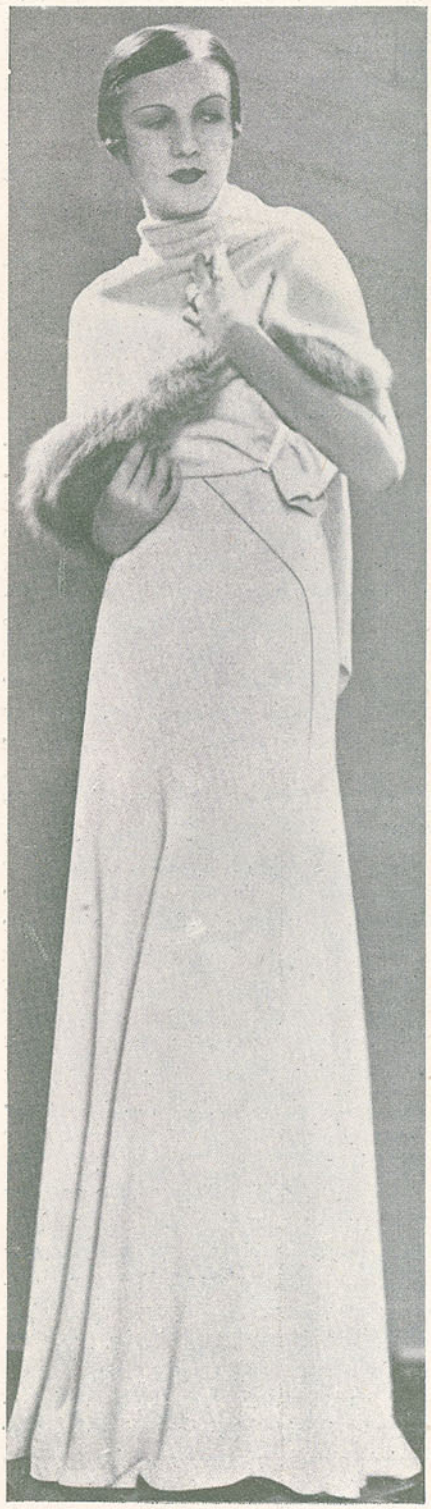
Há quem vele mais pela fôrma do calçado do que pela forma dos pés. Calçarás de modo que êstes não sejam molestados, não se deformem e percam as suas linhas, a sua humana configuração. E um calçado apertado enerva; deforma mais que os pés — deforma o carácter.

Ocupa sempre o teu dia — trabalha sempre. Quando chegar a velhice, muitas vezes a Morte virá para te buscar, mas ir-se-á embora sem ti por não poder esperar que acabes o teu serviço, e a atendas.

Canta, se estiveres sòzinha e to pedir o coração. Cantar diante de gente alheia pode ser vaidade... E quantas vezes incomoda os que ouvem!

Procura não cantar coisas tristes, que a tristeza deprime. Não cantes nunca o fado, que anula a vontade e avilta: cantar o fado é como abrir a porta à desgraça — chamá-la.

A todos aquêles a quem pedires serviços, paga pontualmente o seu salário.



A ninguém exijas esfôrço que não seja devido, mas se alguém não quiser trabalhar como é a sua obrigação, despede-o logo, arrostando corajosamente o seu despeito e maledicência.

O patrão que exige trabalho de mais é um ladrão; mas o assalariado que procura iludir o seu dever, mandriando, relaxa-se e aos seus companheiros, é um elemento de desorganização. É necessário corrigi-lo, para seu bem e da Sociedade. Mas não se esqueça que um patrão ocioso não pode estranhar que os seus empregados queiram imitá-lo...

Sofre as rudezas de teu marido, pois que o homem é um animal violento; mas não te deixes insultar nem bater. Não caias em menoridade: o respeito mútuo é a base da Família, como do Estado.

A teus filhos, ama-os de todo o teu coração — é da própria lei da Natureza; mas não vendes os olhos para não veres suas culpas e desacertos: faze por julgá-los como merecerem. O teu primeiro dever é educá-los: e a primeira condição da educação é a justiça.

Não atormentes a infância mas conserva-a sob um suave rigor.

Deveres para com os pais e avós: — Ama sempre os vèlhinhos!

É dever do cidadão exprimir livremente a sua opinião política, e votar em conformidade com ela — nas eleições da freguesia, do município e do Estado. Fortalecerás teu marido no cumprimento dêsse dever, tão augusto como o dever militar. E não excederás a tua missão, lembrando-lhe (se tanto fôr preciso) que se é lícito procurar influír nos negócios públicos, acompanhando verbalmente ou por escrito os seus concidadãos, seria desdourante solicitar os seus sufrágios (envilecedor é querer forçá-los).

A acção das mulheres na política tenderá, sobretudo, a moderar a ambição desvairante dos homens sempre inclinados à violência, cubiçosos do mando pelo mando.

Se, por fôrça das circunstâncias, teu marido for chamado ao desempenho de funções políticas, suporta com dignidade as agruras da sua situação — que, para todos os homens de bem, essas funções são do maior sacrifício.

Sujeita-te a ver o sossêgo do teu lar perturbado, os teus cabedais diminuídos ou totalmente perdidos. Resigna-te mesmo à morte — porque ninguém que tenha a noção da honra e brio, pode fugir do posto que aceitou.

Deus fala-nos sempre, a tôda a hora e em tôda a parte: basta que o invoquemos. Abre a tua alma, e sentirás Deus no teu coração.

Não dês crédito a quem te falar em nome de Deus: falar em seu nome é a maior blasfémia. Só os homens precisam de intérpretes e procuradores; Deus não precisa: a sua omnipotência, a sua omnisciência, a sua omnividência e a sua omnipresença dispensam representações.

Lopes d'Oliveira.

O CONVENTO DE MONCHIQUE

A igreja em 1923

O extinto mosteiro da Madre de Deus de Monchique, onde Camilo Castelo Branco fez passar o fecho enternecedor do seu popular romance "Amor de Perdição», foi fundado em 1535 por D. Brites de Vilhena, filha de Rui de Sousa, almotacer-mór de D. João II e por seu marido D. Pedro da Cunha Coutinho, com a cooperação de algumas religiosas transferidas do Convento de Santa Clara, de Coimbra.

Para a instalação do mosteiro cederam os seus fundadores as casas solarengas que possuiam extra-muros da cidade do Porto, na freguezia de San Martinho de Cedofeita, num acidente declivoso da margem direita do rio Douro e ainda os terrenos da encosta, hoje cortada longitudinalmente pela rua da Restauração. Fizeram os doadores largas concessões às monjas tanto de rendas como de padroados, para que estas pudessem manter o culto com certo explendor, alcançando para tam generoso acto, Bula apostólica do Papa Paulo III (Alexandre Farnesio) promotor do concílio de Trento. Efectivamente, durante cêrca de duzentos e cinqüenta anos, foi mantido o brilho da congregação, até que em 1795 as freiras principiaram a caír no domínio das provações.

Um pórtico graciosamente esculpido

D. Brites de Vilhena elegeu a primeira abadessa e as primeiras freiras do Mosteiro de Monchique e instituiu as religiosas daquela comunidade, herdeiras de tôda a sua fazenda tanto movel como de raia e rendas, para que tudo houvessem e possuíssem.

Na doação e testamento de tam veneranda senhora se continham, entre muitas outras, as seguintes disposições:

"Dou-o, e dou deixa para todo o sempre ao meu mosteiro de Monchique para sustentação das suas religiosas, e para a manutenção do culto divino... sem alguma clausula.»

.....

"Os bens que a dita fundadora deixou a este mosteiro foi o assento do convento que compreende desde a quina da sua cêrca da parte de Miragaia, pela parte do rio Douro, té sete palmos adeante das escadas para onde teem serventia os armazens novos, que estão para a banda de Massarelos, em cujo sitio, se acha um marco, e d'este corre direito a estrada que vae da cidade para o dito logar de Massareles, chamado de Sobre-o-Douro, e d'este com alguma extensão para a parte do dito logar, com direito ao monte da Torre da Marca, onde está um penedo com uma cruz, e d'ahi cordea direito pela parede que corre do poente ao nascente té ao caminho que vae ter aos quarteis dos soldados, e d'hai continua pela estrada que vae por detraz do dormitorio pela parte do norte té ás casas em que residem os padres confessor e capelão do convento; e d'aqui na do fim d'elas corre pela parte do nascente a fechar na quina da cêrca onde principia a haver esta marcação.

"Dentro da dita demarcação se acha a clausura e a egreja. Adeante da cêrca, para a parte de Massarelos, os armazens novos que as religiosas há anos mandaram fazer, e se acabaram em 1767, e anda alugado por 700$00 réis.

"Na terra que fica para a parte do norte por cima da estrada de Sobre-o-Douro e á beira d'ela, se edificaram por caseiros que emprazaram a dita terra ao assento, três moradas de casas sobradadas e uma térrea, e de todas pagam pelo dominio directo 960 reis cada ano. Pela parte do nascente do dito convento as casas em que residem os padres confessor e capelão. Ao sul das casas acima, pela parte da calçada, se acham duas moradas de casas sobradadas, e umas se acham penhoradas, e as outras pelo dominio directo pagam de fôro ao convento 800 réis.»

Em uma escritura lavrada um mês antes do falecimento de D. Brites de Vilhena,

O mesmo pórtico, actualmente

se verifica que além dos referidos bens, deixou mais a fundadora, àquele santo instituto:

— O padrão da egreja de Santa Maria de Sedielos de Penaguião, do qual as religiosas recebiam as dizimas e rendas de varios casaes que na dita freguezia e na de Mesãofrio, Cidadelhe Vila Marim, Moura Morta e Gundar se lhe pegavam pelo dominio directo, por mão do rendeiro Manuel Teixeira de Carvalho, morador na aldeia do arrabalde, por 940$00 réis, em dinheiro, 60 arrobas de carne de porco, 30 alqueires de castanha pilada, 30 de feijão, 7 arrobas de passas, e as mais obrigações costumadas impôr-se aos rendeiros de semelhantes rendas, como são a cera para a capela-mór da egreja, a visita aos visitadores e o ordenado ao reverendo padre-cura.

"Deixou ainda o padroado da egreja de S. Vicente de Cidadelhe, em Penaguião; o padroado das egrejas de Santa Maria de Souzal e de Santa Maria de Veloza, no bispado da Guarda, que eram do seu património; a quinta de Freixieirro, na Maia, freguezia de perafita, com varios casaes, que rendiam por dominio directo 146 alqueires e 3/4 de trigo, 182 alqueires de pão segundo, 150 reis em dinheiro, 3 quartilhos de manteiga, 10 frangos, 11 1/2 alqueires de cevada, 24 galinhas, 24 ovos, na referida freguezia; e na aldeia de Perafita pagarão os caseiros 45 1/2 alqueires de trigo, 9 1/2 de segunda, 5 galinhas, 9 frangos, 3 alqueires de cevada e 1$630 em dinheiro.»

Pórtico manuelino do mosteiro

Rebuscada de velhas crónicas segue a relação de outros recursos do convento de Monchique, no primeiro quartel do século XIX.

Passados pouco mais de vinte anos, foi ali instalado o arsenal militar, que, no reinado de D. Maria II se transformou em oficina de cunhagem de moeda, fabricando-se os patacos que em 1847 o ministério da rainha considerava "falsos», pelo que tiveram de receber uma chancela que os revalidou.

As alfaias e o tesouro artístico foram transferidos para a Sé do Porto e igrejas paroquiais de Grijó, Oliveira do Douro, S. Lourenço e outras.

O acesso para êste antigo abrigo monástico de religiosas da Ordem de S. Francisco fazia-se pela calçada de Monchique e, da edificação primitiva, existiam em meados do século XIX, uma claustra e uma capelinha do lado oriental do mosteiro, onde se podiam admirar primorosos azulejos moldados, opulenta produção da cerâmica do século XVI. Na cêrca, que era em diferentes planos ou socalcos, como o exigia a natureza do terreno, havia rumorejantes fontes e vários tanques com profusão de carrancas, repuxos e bacias, sendo o tanque do pátio da entrada notável pelas suas vastas dimensões.

Um dêsses fontenários, curioso trabalho de escultura, encontra-se ainda no jardim de uma vivenda da Avenida da Boavista, no Porto, para onde foi transferido. Grande parte dos caudais que abasteciam as fontes e tanques monásticos, escoam-se actualmente para a nova Alfândega, situada a nível inferior do antigo mosteiro.

Produziram-se com o decorrer dos anos notáveis modificações na feição primitiva do convento, no entanto podem ainda apreciar-se um amplo refeitório abobadado, de sólida construção mas sem primores arquitectónicos, revestido de azulejos, sustentado por pilastras de granito, desataviadas de adornos e restos de dois magníficos pórticos, um do mais puro estilo manuelino, muito mutilado, entaipado com alvenaria, que bem merecia ser desobstruido por conservar evidentes sinais artísticos, e um outro ainda acessível, com lavores curiosos, onde se notam as insígnias de S. Pedro e dois medalhões circulares, com os perfis em baixo relêvo, presumivelmente dos fundadores.

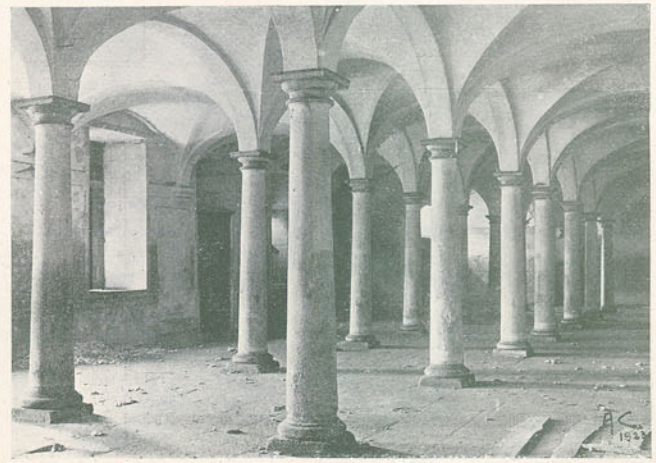
O antigo Convento de Monchique

Da igreja, há muito já secularizada, restam ainda ruínas. Êsse templo que induzia à meditação e ao repouso, e em cuja penumbra foram ciciadas tantas orações de exaltada fé, era rico de excelente obra de talha, parte da qual foi aproveitada para as igrejas de S. Mamede de Infesta e de S. Pedro de Miragáia e até para a capela do Hospital Militar de D. Pedro V.

Lembrando o cavername duma embarcação derruída pela insânia des temporais, pode observar-se ainda, sobrepujando a nave da igreja, o enfeixado das nervuras que sustentavam o tecto arqueado, conservando ainda os florões nos fechos respectivos.

Todas essas derrocadas sacrílegas no bisonho recolhimento onde penou de amor Tereza de Albuquerque, corroboram a afirmativa dum dos nossos mais elegantes espíritos: — cada convento em Portugal é uma página de vergonha para a história contemporânea.

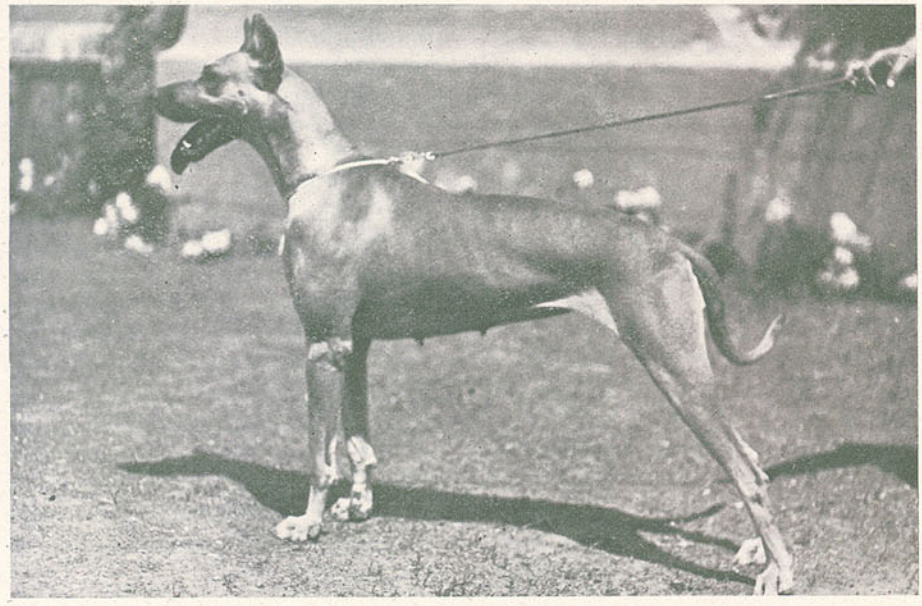
Guilherme Felgueiras
Da Associação dos Arqueólogos Portugueses



O refeitório

A 9.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa—1937

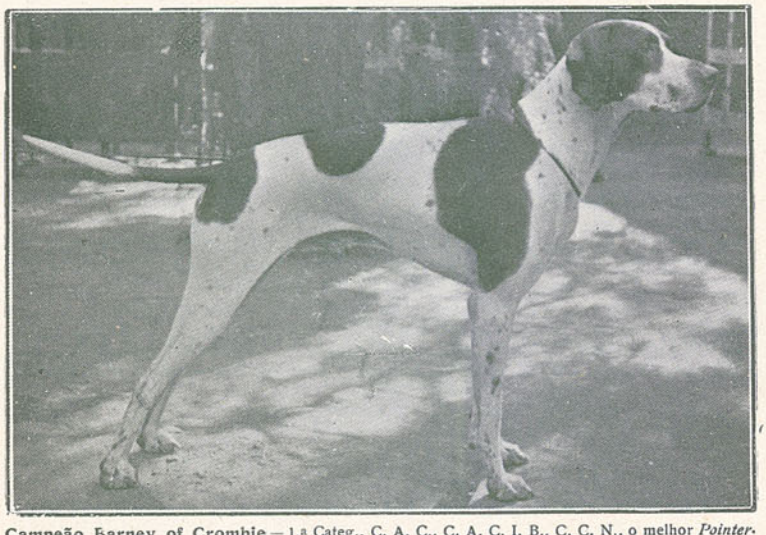
O Club dos Caçadores Portugueses promoveu, pela sua Secção de Canicultura, a 9.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, realizada no Jardim Zoológico.—Em cima: os srs. William East, juiz inglês e Daniel da Silva Lane, ilustre presidente do Club dos Caçadores Portugueses



Jandaya de Lisboa—1.ª Categ., C. A. C., C. A. C. I. B., melhor da Raça, Taça para o melhor «Cão Alemão» nascido em Portugal, Taça Dr. Manuel Emídio da Silva e Taça Club dos Caçadores Portugueses.
O melhor exemplar da Exposição entre tôdas as raças
Propriedade do sr. Luiz Brandão

Campeão Confidential of Ware—1.ª Categ., C. A. C., C. A. C. I. B., C. C. N., o melhor Spaniel e melhor cão de caça. Propriedade do sr. Fernando E. S. Moniz Galvão

Campeão Bibi do Juncal—1.ª Categ., C. A. C., C. C. N., melhor da Raça, Taça melhor *Pequinois*, nascido em Portugal, Taça Estoril e o melhor exemplar de sexo diferente ao do melhor exemplar da Exposição entre todas as raças.
Propriedade da sr.ª D. Gabriela Rodrigues Afra



Campeão Barney of Crombie—1.ª Categ., C. A. C., C. A. C. I. B., C. C. N., o melhor *Pointer*.
Propriedade do sr. Reinaldo Pinto Basto

Campeão Wyrksop Flair—1.ª Categ., C. A. C., C. A. C. I. B., C. C. N., melhor Fox-Terrier e o melhor Terrier. Propriedade do sr. Reinaldo Pinto Basto.

O CASAMENTO DO DUQUE DE WINDSOR

O duque de Windsor casou-se há dias no Castelo de Candé, epilogando assim o seu romance de amor que todo o Mundo seguiu com o maior desvanecimento.

Como todos os noivos, o duque sentia-se feliz. Os seus quarenta e três anos pareciam abrigar as róseas ilusões dos desoito. Conta-se até que, tendo ido junto dêle, pouco antes da cerimónia, certa individualidade francesa a-fim-de assentar sôbre as medidas a adotar na estrada em que os recem-casados tomariam para o comboio, à saída, disse:

— O duque está radiante! Não cabe em si de contente... É a verdadeira imagem da Felicidade!

A cerimónia foi o mais simples que pode imaginar-se.

Os convidados tiveram de esperar uns minutos, o que fez dizer ao "maire„ dr. Mercier, no seu bom humor gaulês: — Os noivos, como sempre, chegam atrazados!

Nisto, surgiu o duque. Vestia fraque, colete cinzento-claro, gravata *gris-perle* e, na botoeira, um magnífico cravo branco.

Sete minutos depois, entrava a noiva, vestindo de azul pálido. Vestido, sapatos, chapéu — tudo era azul. Apenas umas florinhas brancas no chapéu punham um traço claro na côr dominante do vestuário.

Cada um tomou o seu lugar em frente do "maire„ que começou a ler os artigos da lei. As palavras "fidelidade„, "assistência„, "protecção„ fôram sublinhadas com movimentos afirmativos das cabeças dos nubentes.

— Alteza Real, consente em tomar por esposa a senhora Wallis Warfield? — perguntou o "maire„.

— Sim — respondeu o duque com voz firme.

Á mesma pregunta, a senhora Warfield respondeu afirmativamente com voz suave.

— Declaro-vos — afirmou solenemente o "maire„ — unidos pelos laços do matrimónio.

A duquesa de Windsor

Terminado o acto legal, o "maire„ pronunciou o seguinte discurso:

"Por um dêstes caprichos em que o destino se compraz, é sôb um ceu azul, entre as flôres do jardim da França, no vale ridente da Indre, que veio desabrochar um comovedor idílio. Por detrás das árvore dum parque centenário, numa moldura que os srs. Bedaux não teriam preparado melhor se tivessem pressentido êste grande acontecimento, celebra-se a união de dois corações e essa celebração tem por oficiante o "maire„ dum pequeno burgo de Touraine. Sentir-se-ia êsse "maire„ indigno da grande honra que lhe coube se não tivesse a certeza de que, cumprindo os ritos da lei do seu país, êle representa, nesta simples e augusta cerimónia uma nação a quem seduziram sempre o desinterêsse cavalheiresco e os gestos ousados. Saudando em seu nome o que foi o soberano muito amado dum povo amigo e aquela que sua S. A. escolheu num nobre país a que nos ligam os mesmos laços preciosos, louvando sempre o que a França mais amou: a Grandeza e Glória, permiti que faça tambem votos pessoais pela vossa felicidade — felicidade de que a comuna de Monts vê levantar a aurora nesta data memorável de 3 de Junho de 1937. A êsses votos juntareis um desejo: de vos saber, muitas vezes, em terra da Touraine. A vossa presença é-nos querida, tanto quanto nos honra. Alteza, Duquesa: a vossa felicidade faz a nossa!„

Terminado o discurso, os recem-casados passaram à sala de música que se encontrava armada em capela. Na sua passagem, o duque, sempre romântico como um príncipe de balada, lançou um olhar pela janela que dá sôbre o vale do Lys, e murmurou:

— Que lindo tempo! Justamente o que eu sonhara!

A duquesa entrou na capela pelo braço do sr. Rogers, sua testemunha. O duque esperava-a junto do altar. Momentos depois, o sacerdote, rev. Jardine iniciou a cerimónia religiosa com estas palavras:

— Meus filhos bem amados, estamos aqui para unir êste homem e esta mulher pelos sagrados laços do casamento, sôb a égide do Senhor„.

Seguidamente, o reverendo, depois de pôr em fóco a natureza sagrada do casamento, o seu significado profundo, terminou com voz forte:

"Se alguem vê justo motivo que possa impedir a união legítima dêste homem com esta mulher, fale agora ou nunca!„

Houve uma pausa. Depois o sacerdote preguntou ao duque: — Quereis tomar esta mulher por esposa, para viver com ela, segundo as leis de Deus, amá-la, reconfortá-la, respeitá-la, tomar dela conta tanto na boa como na má fortuna? E sereis só dela por tanto tempo quanto fôrdes vivo?

— "I will„, — respondeu o duque com voz firme.

Jardine voltou-se, então, para a duquesa e repetiu as preguntas com as alterações

O duque de Windsor

necessárias. A duquesa, com a voz estrangulada pela comoção, murmurou:

— "I wil„.

Então o reverendo tomou a mão dela e a dele e juntou-as.

"Eu Eduardo„, disse — e o duque repetia: "Eu Eduardo... "Eu Wallis„, disse o reverendo. "Eu Wallis„, repetiu a duquesa.

Atingira-se o momento culminante da cerimónia. Os nubentes continuaram, repetindo as palavras do celebrante:

"Tomo-te como esposo na felicidade como na desgraça, na riqueza como na pobreza, na saude como na enfermidade, para te amar e te querer até que a morte nos separe, conforme os Santos Mandamentos do mui Alto Senhor e, de hoje em diante, dou-te a minha fé„.

Procedeu-se á troca dos aneis. Uma pequena fórmula que regista a união, e toda a assistência murmurou: "Amen„.

O órgão, que estivera tocando em surdina, rompeu vibrante, sob os dedos de mestre de Dupré, com o "Hino da Alegria„, de J. S. Bach. O duque e a duquesa caíram de joelhos sôbre as almofadas de setim rosa. O rev. Jardine, de olhos cerrados, muito pálido, disse com voz cheia, mas embargada pela emoção:

"Declaro que êste homem e esta mulher são esposos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo„.

Todos então recitaram, em côro, uma oração. Acabou a cerimónia.

Quando o duque se despediu, teve estas frases significativas:

"A duquesa e eu desejamos agradecer a todos os que nos enviaram amavelmente presentes e votos de felicidade. Nunca poderemos esquecer as mensagens amigáveis, que, neste dia, têm um significado particular. Depois de termos atravessado uns momentos penosos, aspiramos agora a uma vida privada, feliz e útil, assim como á tranqüilidade, a qual, esperamos, nos será concedida„.

E assim ficou consolidado no coração da duquesa de Windsor o mais belo trono que o seu esposo — príncipe loiro de balada — poderia ter sonhado em toda a sua vida.

VELHARIAS

Degas-o pintor impressionista

considerava os seus quadros como artigos de primeira necessidade!

Degas — Auto-retrato dos vinte anos

PARIS evocou há dias um dos seus pintores mais bizarros — Edgar Degas — falecido há vinte anos com o melhor de oitenta e três primaveras. No Museu da Orangerie foi organizada uma exposição das obras dêste pintor que passa por ser um dos maiores da escola impressionista.

A propósito desta homenagem, foram lembrados alguns factos curiosos da vida do autor da "Semiramis».

Afirmou-se, por exemplo, que desde que não fôsse discutida a pintura, Degas era o mais ameno dos conversadores. Pertencia ao tempo da cortezia, e nunca infringia as suas leis.

As suas frases mais cáusticas dirigidas aos seus colegas não eram, em realidade, epigramas crueis, mas advertências úteis de que os visados poderiam tirar proveito, em vez de se ofenderem ao escutá-las.

Certa ocasião, contemplando o quadro de Jean Paul Laurens, que representava Hildeberta fugindo do palácio onde assassinara o marido, o implacável Degas saíu-se com esta:

— Sabe porque essa desgraçada foge? Porque não está de acôrdo com o fundo do quadro.

Laurens, que não era para graças, levou a mal a frase do colega, atribuíndo-a a inveja.

Talvez não fôsse êsse o verdadeiro motivo...

Degas foi sempre insociável, um verdadeiro "bicho do mato».

Um seu biógrafo conta, com certa graça, um episódio ocorrido com H. de G., pintor de talento, mas extremamente vaidoso e petulante, que se encontrava com vários amigos na *terrasse* dum café. Como surgisse, ao longe, a figura de Degas que disfrutava então de grande nomeada, o imponente H. de G. disse para os amigos:

— Vão ver como êle me reconhece!

Entretanto, Degas ia-se aproximando. E, quando o pretencioso preparava o seu melhor sorriso, Degas mudava de rumo, atravessando para o passeio fronteiro. Depois de passar o café, desfez o colchete, voltando a seguir o seu caminho.

Com efeito, Degas mostrava reconhecer perfeitamente o vaidoso H. de G.!

Dançarinas — estudo

Um dia, chegou-lhe a notícia de que um quadro seu, vendido, em tempos, por uma bagatela, atingira um alto preço que o revendedor embolsou. Degas não manifestou qualquer entusiasmo.

— Pois não ficou contente? — preguntaram-lhe.

— Fiquei... — respondeu o pintor com ironia — fiquei tão contente como um cavalo de corridas depois de ganhar o 1.º prémio para o dono...

Quando os Goncourt o visitaram em 1874, traçaram assim as suas impressões:

"Ontem passei a tarde no atelier dum pintor chamado Degas. Após muitas tentativas e ensaios, enamorou-se do modernismo, e no modernismo fixou a sua escôlha sôbre mundanas e dançarinas.

"O pintor exibe os seus quadros, comentando, de tempos a tempos, a sua explicação pela mímica dum desenvolvimento coreográfico, pela imitação em linguagem de dançarinas; num dos seus meneios é, em boa verdade, muito divertido vê-lo, de braços roliços, misturar a estética do mestre de dança com a estética do pintor, falando do "terno lodaçal» de Velasquez e do "silhuetado» de Mantegna.

"Um original, um ser eminentemente sensível que recebe o contra-golpe do carácter das coisas.»

Degas, com a sua originalidade equilibrada, com a sua arte revolucionária que visava um fim, originou uma praga de pseudo-artistas que, não podendo atingir a perfeição clássica — perfeição não só moderna, mas eterna — desencabrestaram a estragar telas com mil e uma garatujas de fazerem arripiar os cabelos a um morto.

Não foi esta a sua intenção — temos a certeza — mas a verdade é que a referida praga ainda nos apoquenta nos tempos que vão correndo.

Os seus quadros *La classe de danse*, *La danseuse étoile*, *Les blanchisseuses*, *Les repasseuses*, *La voiture aux courses* marcam bem o seu formidável talento, embora, na sua época, fôsse incompreendido.

Calcule-se que, em 1876, Wolf escrevia a propósito da II Exposição Impressionista:

SEMPRE NOVAS

"A rua Le Petier tem desgraça. Depois do incêndio da Ópera, cai agora um novo desastre sôbre o quarteirão. Acaba de ser inaugurada, na casa Durand-Ruel, uma exposição que dizem ser de pintura. O transeunte inofensivo, atraído pelas bandeiras que decoram a fachada, entra, e, aos seus olhos espantados, oferece-se um espectáculo bárbaro. Tentai fazer compreender a razão a Mr. Degas; dizei-lhe que em arte, é preciso ter algumas qualidades como o desenho, a côr, a execução e a vontade, que êle há-de rir-se na vossa cara, e tratar-vos de reaccionários.»

Hoje em dia — Deus nos perdoi — sucede o mesmo, não obstante qualquer dos modernistas que para aí pululam, estar longe de se parecer com Degas.

Mas a eterna verdade continuará sempre imutável. Ante uma tela de Mestre Carlos Reis sentimo-nos atraídos e admirámo-la como uma obra de arte primorosa.

Visitar uma exposição de quadros dêste grande pintor é encher os olhos de luz vivificante, é inundar a alma de emoções deliciosas, é ter a concepção da beleza.

E o que temos observado nalgumas dessas muitas exposições de pseudo-modernistas? Que muita gente se ri como se estivesse apreciando disparates humorísticos, sem pés nem cabeça, inoportunos e importunos, inconcebíveis e amorfos, e por isso mesmo engraçados.

Pois a França evocou, há dias, o pintor Degas, talvez para mostrar aos seus modernistas que aquele grande impressionista estava muito longe de ser disparatado como êles. Foi original, lá isso foi... Mas, se observarem bem, as suas dançarinas tem anatomia e os seus movimentos são colhidos em flagrante. Qualquer professor de dança, examinando um dêsses quadros, verificaria que a posição das figuras era irrepreensível.

Portanto, a exposição referida é oportuníssima.

Já agora, vem a propósito citar o relato de Ambroise Vollard que durante muitos anos cultivou a amizade do pintor, e, por isso mesmo o foca melhor do que qualquer outro.

Em sua opinião, Degas embora fôsse um verdadeiro "bicho do mato», não deixava, por isso, de ser dotado de bom humor.

Era até uma das suas mais interessantes facetas. Dele se contam inúmeras anecdotas cheias de espírito em que a expontaneidade se manifestava em tôda a sua exuberância.

Eis o que Ambroise Vollard nos conta:

Uma noite, atravessando Degas o parque Monceau, ficou prêso no arame farpado que rodeava os macissos.

— Parece que isto é feito de propósito para molestar os passeantes — disse, indignado, um dos amigos que o acompanhavam.

— Não deve ser isso — replicou Degas com o melhor dos sorrisos — êste arame foi posto aqui para deter as pessoas que se dispõem a colocar *estátuas* sôbre a relva...

Periodo do Salão dos Independentes: os artistas Welter Sickest, Daniel Halévy, Ludovic Halévy, J. E. Blanche, Gervex, Boulanger-Cavé. — quadro de Degas

Degas — retrato por Maurice Denis

Mas não durava muito êste bom humor. Quando a verdadeira natureza de Degas surgia, o pintor tornava a atirar frases aceradas.

— Se eu não procedesse assim com as pessoas — dizia o artista desculpando-se — não teria um minuto meu para trabalhar. Sou tímido por natureza.

Desta "timidez de Degas, teve, um dia, conhecimento Vibert, o pintor dos cardiais.

— É necessário que venha visitar a nossa exposição de aguarelas — insistia Vibert com uma tal ou qual impertinência — talvez encontre demasiadamente sumptuosas as instalações... mas, no fim de contas, é não é a pintura um artigo de luxo?

— A vossa, talvez — replicou Degas — mas a minha é um artigo de primeira necessidade!

Calcule-se o que o impressionista Degas diria agora se lhe fôsse dado voltar ao Mundo! Quando os próprios quadros de Jean Paul Laurens lhe mereciam reparos — e eram bons — o que sucederia ante milhares de telas que para aí se apresentam sem pés nem cabeça e que alguma coisa poderiam valer antes de pintadas?!

Decididamente êsse implacável Degas fez muita falta, quando mais não fôsse para corroborar o que afirmamos.

Gomes Monteiro.

SANTO ANTÓNIO, S. JOÃO E S. PEDRO

Os santos queridos do povo português

S. João

SANTO ANTÓNIO, S. João e S. Pedro — os três santos mais populares da nossa terra.

Em volta da sua vida ascética e dura, cheia de sacrifícios e mortificações, o nosso povo urdiu as mais deliciosas lendas, fazendo-os tomar parte nos seus folguedos esfusiantes.

Santo Antoninho, lá do Bomfim,
Dai-me um menino a mim...

E, logo a seguir, numa invocação suprema:

Meu Santo, casai-me cedo,
Enquanto sou rapariga,
Que o milho sachado tarde
Nem dá palha, nem dá espiga...

Enlevadas no bailarico, as cachopas põe nas suas cantigas tôda a sua devoção, na esperança de que o glorioso taumaturgo, que se entretinha a quebrar as bilhas das moças que iam à fonte, só para ter o prazer de lhas consertar, não deixará de atender às suas súplicas.

Grande protector dos namorados, o nosso Santo António aparece-nos em tôda a sua grandeza deliciosa naquêle passeio com o Menino Jesus que Augusto Gil nos relata no seu puríssimo lirismo:

Saíra Santo António do convento,
A dar o seu passeio costumado,
E a decorar, num tom rezado e lento,
Um cândido sermão sôbre o pecado.

Andando, andando sempre, repetia
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite plácida baixando...

E andando, andando, viu-se num outeiro,
Com árvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, bem puxadas.

Surpreendido por se vêr tão longe,
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descansar o bom do monge,
Com a resignação de quem é Santo...

O luar, um luar claríssimo nasceu.
Num raio dessa linda claridade
O Menino Jesus baixou do ceu.
Poz-se a brincar com o capuz do frade.

Perto, uma bica de água murmurante
Juntava o seu murmúrio ao dos pinhais,
Os rouxinois ouviam-se distante,
O luar, mais alto, iluminava mais.

De braço dado, para a fonte vinha
Um par de noivos todo satisfeito.
Ela trazia ao ombro a cantarinha,
Ele trazia... o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguém os visse,
Trocaram beijos ao luar tranqüilo.
O Menino, porém, ouviu e disse:
— O' Frei António, o que foi aquilo?...

O santo, erguendo a manga do burel,
Para tapar o noivo e a namorada,
Mentiu numa voz dôce como o mel:
— Não sei que fôsse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada límpida, sonora,
Vibrou em notas de oiro no caminho.
— Ouviste, Frei António? Ouviste agora?
— Ouvi, Senhor, ouvi. E' um passarinho...

— Tu não estás com a cabeça boa...
Um passarinho a cantar assim!...
E o pobre Santo António de Lisboa
Calou-se embaraçado, mas por fim,

Còrado como as vestes dos cardiais,
Achou esta saída redentora:
— Se o Menino Jesus pregunta mais,
... Queixo-me à sua mãe, Nossa Senhora!

Santo António

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquêle amor sem casamento,
Pegou-lhe ao colo, e acrescentou: — Jesus,
São horas...
E abalaram p'r'o convento.

O nosso povo não conhece o orador eloqüente que empolgava as multidões dos vários países que atravessou, mas o prègador que, um dia, fez com que os peixes viessem ao lume de água ouvir a sua palavra divina, e que, no curto espaço de uma Avé Maria, correra léguas e léguas para salvar da fôrca o próprio pai.

Assim é que Santo António é conhecido, amado e venerado com a mais profunda devoção perfumada de alcachofras e mangericos.

Embora o dia do Santo caia sempre em 13, ninguém se sente oprimido pela superstição. Êste 13 dá sempre felicidade!

Doze dias depois, surge S. João, o Precursor irado que fez ouvir a sua voz atroadora enquanto a sua cabeça hirsuta não tombou sôbre a salva da Salomé.

Mas quem é que conhece o Baptista da "voz que clama no deserto„? Se até pessoas que se dizem cultas o confundem com o Evangelista, como já tivemos ocasião de verificar!...

Não. O S. João do nosso povo é e há de ser sempre sempre aquêle que

...para vêr as môças
fez uma fonte de prata...

A noite de S. João é de alegria com guiseiras de oiro. E, por isso, o povo canta:

As freiras cantam no côro,
As cachopas no serão;
Cantam môças, cantam velhas
Na noite de S. João.

O S. João do nosso povo é aquêle que, certa tarde, "adormeceu nas escadinhas do côro, onde as freiras foram dar com êle...„

A noite de S. João tem tanta virtude que até faz rejuvenescer. Ninguém deve deixar de apanhar as orvalhadas dêsse amanhecer para conseguir ter sorte. O que noutra qualquer noite faria mal, nesta só pode fazer bem.

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,
E viva o rancho das mulher's casadas!

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,
E viva o rancho das mulher's solteiras!

Orvalhudas, orvalhudas, orvalhudas,
E viva o rancho das mulher's viuvas!

Cinco dias decorridos é a festa de S. Pedro, o porteiro do céu. Conquanto o calendário o apresente acompanhado por S. Paulo, o nosso povo só festeja S. Pedro.

Não porque êle tivesse sido o príncipe dos apóstolos, mas porque, na hora suprema, sempre fará um jeito para nos deixar entrar na Côrte Celestial.

O nosso povo não sabe que êste Pedro foi a pedra sôbre a qual Jesus quis edificar a sua Igreja. Na sua ignorância encantadora, invoca o Santo claviculário como o sente e como o entende.

Santo António de Pádua

Convencionando-se que S. Pedro era calvo, isso serviu para inspirar as mais ingénuas cantigas:

O S. Pedro era careca,
Pediu ao Senhor, cabelo...
E o Senhor lhe respondeu:
— P'ra que quer's cabelo, Pedro?...

E os ranchos desfilam alegremente, atroando os ares com os seus cânticos:

O' S. Pedro, ó S. Pedro, ó S. Pedro,
Na vossa noite ninguém tem mêdo!

E, como todo o ano, as jovens se mantém no sossêgo dos seus lares, na noite de S. Pedro saem para a rua cantando entusiasticamente

Repipiu, repipiu, repipiu,
Gaiola aberta, o melro fugiu...

Saltam, pulam e brincam, convictas de que assim mais agradarão ao santo. Nos seus peitos arfa o anseio de casamento. Quanto tempo faltará ainda para surgir o noivo tão ardentemente esperado?

Se Santo António prometeu fazer o que pudesse, e S. João manifestou também interessar-se pelo assunto, S. Pedro não deixaria de dar também o seu valiosíssimo apoio. No entanto, não fôsse êle esquecer-se — deve ter tantos pedidos a satisfazer! — e então as moças, em rancho, vão à igreja mais próxima meter o dêdo no buraco da fechadura. Assim, S. Pedro não poderá esquecer-se, visto que de portas, fechaduras e chaves ninguem entende melhor do que êle...

Cumprida esta singela formalidade, as raparigas retiram-se para suas casas, erguendo sempre cantigas em louvor do santo.

Usam também levar pronta a esmola para o primeiro pobre que encontrem, e ao qual preguntam o nome, constituindo isto o mais seguro oráculo?

— Como se chama, irmãozinho?

— Alberto, minha menina.

Radiante, a rapariga entrega a esmola ao pobresinho, e começa a pensar no noivo que S. Pedro lhe destina, e que deverá chamar-se Alberto. Quantos Albertos conhece ela? Dez? Vinte?... Vai fazendo a conta pelos dêdos... Este não pode ser. Talvês o de Cima de Vila... mas êsse têm já namorada, e, segundo se diz, não tardará a casar... Mas isso ainda seria o menos, desde que S. Pedro decidisse o contrário.

De resto, a noiva dêsse Alberto é uma presumida que nada ficou devendo à formosura... Daí — quem sabe?

S. PETRUS PRINC. APOSTOLORUM

S. Pedro

— talvez o Alberto apareça a testemunhar-lhe a sua paixão, e a pedi-la em casamento...

E a moçoila, embalada por tantas esperanças, fica esperando a chegada do seu Alberto, seja aquêle ou qualquer outro... O que é preciso é um!

E assim passam os Santos de Junho, os queridos santos populares.

Na sua crença, aromatizada de lendas encantadoras, o nosso povo eleva-se tão alto, tão alto, que não deve andar longe do céu.

Santo António

QUANDO MANDA

HISTÓRIA DUMA

CHAMAVAM-LHE — talvez por se harmonizarem estranhamente os dons da pródiga Natureza aos de inconstante Fortuna — a pequena rainha.

Pequenina, duma esbeltêz graciosa de haste fina desde o corpo em flôr á cabeça soberba de perfil grego, perfil de majestosa poesia e gravidade, todo com ar sevéro de outros tempos a encobrir um sorriso adorável de criança.

Tinham-lhe morrido os pais quando ela ainda vagia, tenro bébé exposto aos vendavais sem carinho do mundo, e herdára cêdo uma fortuna demasiado pesada para os seus débeis ombros. Tomára conta dela uma velha tia paterna, celibatária rica para cujo coração endurecido ao contacto vilmente poluidor do dinheiro, não havia gozo nem bem que valesse aquela opulência.

Por cláusula estipulada no testamento paterno, estava a "pequena rainha» destinada a casar com quem fôsse ainda mais rico que ela, noivo escolhido á vontade de tutôres, ou a perder o direito a tôda a imensa fortuna.

Como uma pequena rainha, Flávia arrastava o peso esmagador duma corôa que lhe não dava com o seu esplendor ofuscante o que o seu coração tão orfão mais ambicionava — por o não conhecer.

Como uma pequena rainha, Flávia não vivia — existia apenas, sujeita a obrigações que a sufocavam, que estrangulavam sem piedade afeições e desejos, que abafavam soluços de dôr num crime imperdoável de estiolar uma alma virgem e pura de ambições ruins e que destruiam impiedosamente o seu sorriso claro de criança.

.....

Tarde álgida duma primavera parda.

Sala ao lusco-fusco, duma requintada elegância onde presidiu acima do bom gôsto, a Fortuna.

Uma hierática velha, assentada numa poltrona negra, onde realçava a marfínea côr do rosto e das mãos, euma pálida donzela, imóvel na sua frente.

— Flávia! Mandeia-a chamar para lhe dizer que foi pedida pelo melhor partido que poderia aparecer, segundo as ordens de seu pai. Solicita-a o nobilíssimo e arqui-milionário duque de X... Vai-se casar dentro de um mês.

— Tia! Pelo amor de Deus! Eu não quero casar-me!

— Não tem quereres! Bem sabe que a sua fortuna só lhe será entregue nas condições estipuladas, indiferente a tôda a idade! Obedecerá!

— Não, tia! Nem conheço êsse homem!

— Tem tempo de o conhecer depois! Além disso, recorde-se, viu-o no baile dos Macêdos! É um homem de idade, simpático e...

— Um velho horrivel! — bradou a pobrezinha, recuando.

— Não discuta, Flávia! Já sabe o que lhe disse!

— E eu prefiro perder a fortuna! Quero casar com o homem que eu escolher!

A velha senhora dardejou-lhe um muito significativo olhar, que fez estremecer a inditosa, e respondeu duramente:

— É uma criança, Flávia! Isso desculpa e atenua as tolices que faz!

— Não sou uma criança! Não sou! É preciso que o saiba! Que saiba que eu tenho um coração, e sôfro, e amo! Que sou mulher!

Avançara para a tia, braços estendidos, convulsa pela força do seu desespêro, pela defeza sagrada da mulher que luta por salvar o maior tesouro que possui e que só dará a quem o seu coração permitir eleger.

A velha tia ergueu-se e exclamou:

— Retire-se!

Flávia baixou o rosto; vagarosa encaminhou-se para a porta; meteu o lenço entre os dentes para abafar os soluços irreprimiveis. Atravessou a sala, onde se não ouviam o ruído dos seus passos sôbre a alcatifa macia e desapareceu de sôb o olhar cruel e encolerizado da celibatária. Cruzou longos corredores, hesitante, como que sonâmbula, desceu as escadas, atravessou um pátio ladrilhado e foi parar junto dum tufo de arbustos. Aí, deixando-se caír em cima dum banco de pedra, encostou o lindo rôsto á gélida planta, único ente que lhe não se recusava o receber as suas lágrimas, num soluçar sem fim. E o arbusto parecia afagá-la com a sua folhagem leve, compadecida da dôr da "pequena rainha».

Chorou, chorou muito!

O anoitecer discreto e piedoso, envolvia-a, súbtil, e uma voz joven, fresca, despertou-a do seu padecer:

— Flávia!

Ergueu-se assustada, cheia de pavor. Um mancêbo, quási tão pálido como ela, estendia-lhe as mãos, num sobressalto.

— Flávia! Minha Flávia! Que há? Que te fizeram, meu anjo?

Ela foi apoiar-se-lhe ao peito, abandonando a cabeça no ombro amigo que se lhe oferecia acolhedor.

— Deniz! Eu sofro muito! — balbuciou.

— Que te fizeram, Flávia?

— Minha tia quere obrigar-me a casar com o duque, com aquêle velho horrivel que viste no baile — e eu não quero, Deniz, eu não quero!

— Não compreendo a razão de tal violência, minha pequena! — tartamudiou o rapaz, a quem só a escuridão profunda da noite escondia a lividez desesperada — és tão nova, que bem podem esperar! Talvez o teu coração venha a palpitar por alguem que esteja nas condições que teu pai exigiu.

— E' uma crueldade! Para que nasci eu, se não saberei nunca o que é ser feliz? Para que me condenou meu pai a esta vida sem razão?

— Teu pai, Flávia, — disse o rapaz com voz que o desespêro enrouquecia — teu pai era um homem sem coração, um homem de mármore que desposou uma criança forçada a aceitá-lo por marido, e que nunca o amou. E êle que não soube nem se preocupou em fazer feliz a pobrezinha, que torturou a menina desditosa que foi a tua mãe, como pensaria sequer em dar vida risonha á filha que duma união sem amor, teve a desgraça de nascer!

Flávia soluçava baixinho.

Tinham-se assentado ambos no banco de pedra que os arbustos ocultavam e ela, apoiava-se confiante ao compa-

O CORAÇÃO...

«PEQUENA RAINHA»

nheiro. A noite cerrou-se em trevas dolorosas mas benignas... então um rouxinol estático e romântico trinou suavemente uma melodiosa canção, enquanto a brisa lhes vinha afagar os cabelos e dizer segredos subtis, — Deus sabe quais! em flôres.

— Tu conheceste o meu pai? — preguntou, enfim, Flávia, como que despertando do torpor que a invadia.

— Mal! Eu era um garotinho quando tu nasceste, mas tenho no mais distante da minha ideia, a vaga lembrança dum papão assustador, com que me metiam mêdo...

— Pobre de mim! Ninguém me estimou! Minha mãe não me pôde amar, pois que a morte a levou quando a vida entrou em mim. Nunca ninguém foi meu amigo!

— E eu, Flávia?

— Ah, sim, tu! E até quando, Deus meu? Porque milagre vens tu ainda a esta medonha casa? Minha tia, que não ama ninguém e sempre tem afastado quem possa ensinar à pobre Flávia o quanto vale uma palavra de confôrto e um carinho quando chora, deixa-te aproximar?... Ah! não fôsses tu, a pobre Flávia, quando pequenina, bem podia chorar sózinha se a dôr a empolgava, que não havia ternura nem amor a enxugar-lhe o pranto. Tratavam-me sempre e apenas como se eu fôsse um diamante raro que é necessário cuidar para que sempre deslumbre o mundo!

— Tudo culpa do teu pai!

— Chamam-me a "pequena rainha» — prosseguiu Flávia, sempre mais triste e dolorosa, — cobrem-me das mais raras vestes, ornamentando-me com as mais sumptuosas jóias, deslumbrando todos com o refulgir da riqueza e do bem-estar... Cuidam-me do corpo e do escrínio, e desprezam a minha alma!... Coroam-me de rosas... e esquecem-se de me arrancar os espinhos que me dilaceram o coração!

Caíam-lhe lágrimas cintilantes pelo rosto lindo, e a cabeça de mártir perfulgia na sombra como um radioso ninho.

Deniz, silencioso, olhava-a, como se não soubesse quais as palavras que poderiam balsamizar em resignação tão grande desespero e pintava-se-lhe no rosto um sofrimento tamanho, que, quem olhasse o grupo enlaçado na penumbra não poderia dizer quem mais penava, se a menina soluçante, se o varão cujos braços se estorciam impotentes.

Depois, Flávia ergueu o rosto, fitou-o e, pondo-lhe a mão no ombro, disse:

— Tu és feliz! Ao menos, podes casar com aquela que o teu coração eleger! nada te prende!

Êle ficou lívido, transtornado e agarrou-lhe nas mãos, quási violentamente:

— Nada? Disseste Flávia? E a honra? O dever? Não contam?

— Por certo não amarás ninguém que um preconceito brutal possa impedir de te pertencer!

— Assim julgas os corações dos outros? Pequena rainha, assim olvidas o poder da família e da fortuna?

— Eu?... Eu?... Tens razão, Deniz! Mas qual seria a menina a quem amasses, que pudesse desprezar a tua afeição?

— Flávia... Não me tentes, por Deus! Olha para ti. Pequena rainha, tu que sofres e choras que sufocas e morres entre os laços dum poder que te dá a escolher entre a riqueza desgraçada mas cheia de brilho e a pobreza dolorosa, mas talvez cheia de ocultos sorrisos, que te oferece e concede a cada hora um mundo de sorrisos e adorações em troca dum só sorriso e duma só adoração, tu, Flávia, se pudesses num momento escolhêr, acaso trocavas o teu lar de ouro e perfume por um outro pobrezinho... onde só existisse o amor sem fim de alguém?

— Porque não?! Se eu só anhelo a ventura!... O meu castelo, castelo como os das minhas irmãs raparigas, todo feito de amor, onde entrasse um marido jovem e terno, que me amasse e se deixasse amar, ter amor e dedicação ...e um bebezinho, um dois, ou três, a cuja face de tépido setim eu pudesse refrescar o calor do meu rosto abrazado em felicidade!

A fisionomia tão serena e grave de Flávia resplandecia estranhamente, nimbada por essa luz misteriosa e dulcíssima que se evolava do seu sentir tão deliciosamente feminino, do seu rosto tão adoravelmente belo! Deniz olhava-a maravilhado, desconhecendo-a, a viver um momento inolvidável. E murmurou, súplice, inconsciente:

— Pequena rainha... é verdade? Tu queres-me?

— Oh, meu amor!

Uniram-se-lhe os lábios num beijo puro que Deus abençoava.

Uma voz profana cortou o silêncio do idílio sem par.

— Flávia! Flávia!

Ninguém respondeu:

Enquanto o rouxinol nostálgico ia modulando sua ària de inefáveis harmonias e a hora fagueira vinha afagar as pétalas mimosas das flores, e dizer-lhes segredos lindos — Deus sabe quais! — Flávia partia, deixava para todo o sempre o seu lar de ouro e perfume, caminhando pelo braço do seu Destino, em direcção dum mundo ignoto e sublime...

A pequena rainha, deixava a corôa luciante do poderio, trocava a existência sem cuidados por outra cheia de dôr e pranto, de anseios e soluços, mas tecida dum sorriso e duma promessa, feita de quimera e esperança, de eterno confiar e meigas crenças infinitas de perdão...

A pequena rainha caminhava pelo braço do seu Destino para o reino do Amor...

Odette Passos de Saint Maurice.

O ÚLTIMO MOSQUETEIRO

ERA uma vez três mosqueteiros, que por sinal foram quatro, tal qual como no romance de Alexandre Dumas.

De resto, quando se restringe um número ou quantidade, há sempre mais alguns que aderem à soma primacial, sem desvalorisá-la e muitas vezes aumentando-lhe a cotação.

Assim pois, era parecer de Dumas, assim foi na América com os "quatro grandes" da cinematografia, em volta dos quais se agitava uma verdadeira fauna de competência.

Na literatura, entre nós, há também um núcleo de valores, mas alguns que gravitam em torno dêle não lhe são inferiores e talvez se dê o contrário.

Mas voltemos aos nossos mosqueteiros.

Os três que ostentavam o penacho e a espada da retórica e do combate idealista, eram Magalhães Lima, António José de Almeida e Afonso Costa.

A êles se juntava o Brito Camacho, que formava o quarto mosqueteiro-brigão.

Brigão de polémica, admirável de profundeza irónica, caricaturista das almas e espantalho de consciências.

Magalhães Lima era o sonhador que punha em praça os seus sonhos idílicos com a República, nimbados duma tal auréola de ternura, que deixava na penumbra do incompreensível a ideia primacial.

Era um místico, todo êle amor, todo êle esperança, todo êle transpirando a cubiçada fraternidade universal.

A sua alma era levada, pelas asas da ilusão, para mundos melhores, e nunca a lama de conivências e conluios deshonestos o salpicou.

Encontrava-o algumas vezes e falávamos bastante, êle sempre pairando muito alto.

Sonâmbulo do ideal, discorria com pérolas, em vez de pedradas brutais que muitos atiram aos seus adversários.

Os seus argumentos feriam também, mas sempre eram pérolas.

E às vezes acontecia-lhe também deitar pérolas a porcos que o não entendiam.

Orgulho-me de ter sido o seu último "flirt", todo espiritual.

O seu corpo já não ousava acompanhá-lo na subida para as delícias do sétimo céu — o amor — mas a sua alma tinha ainda vinte anos.

Pobre amigo! Um beijo de despedida no limiar da sua porta, dias antes de morrer, foi a única realidade de tanto sonho de amor que me custava.

António José de Almeida era uma ponte simbólica, entre Brito Camacho e Magalhães Lima.

Estátua do dr. António José de Almeida

Tinha o espírito idealista dêste, e a pena contundente daquele.

O fundador da *República* que continua honrando a sua memória, era temido pela sua técnica inatacável de polemista e respeitado pelos primores do seu carácter, incapaz duma calúnia, dum doesto soez.

Os seus discursos são as pedras bazilares do monumento que perpetua na alma portuguesa a sua memória.

Era um bom amigo, apenas, a quem muito devo, em carinho, na hora aflitiva da morte do meu Marcelo, assim como a sua espôsa, alma luminosa como o sol que queima as charnecas do Alentejo, seu torrão natal.

Há sempre uma compensação para tôdas as desditas, e eu tive-a no interêsse e estima que sempre mereci a estes três mosqueteiros, que por sinal eram quatro...

Já se foram todos para onde decerto suas almas continuam pelejando pela grandeza de Portugal. O último que partiu foi o Afonso Costa, o mais representativo do espírito brigão e cavalheiresco da gente lusa.

O que êle brigou, o que êle barafustou, quantas vezes desembainhou a espada afiada que lhe servia de pena, para fazer vencer o seu ideal — o ideal dos quatro, que era todos por um e um por todos, que se consubstanciava numa palavra mágica que os deslumbrava: — República!

Todos se foram e viram antes realizado o seu sonho.

Afonso Costa foi o que mais viu em progresso e caminho adquiridos.

De longe, acompanhava sentida e entusiasticamente a subida de Portugal, no conceito do mundo.

Devia ter morrido satisfeito, por vê-lo em tão bom andamento, e as armas com que por êle combatia agora — ternura e saüdade — não valiam menos do que os seus artigos do *Mundo* e os seus discursos no Parlamento.

Quando voltei da guerra, ainda com a touca e a capa da cruz vermelha, fui visitá-lo.

Recebeu-me com um carinho tão salutar e tão consolador, que em meu cérebro persiste ainda a recordação de suas palavras amigas e cheias de louvor pela minha atitude patriótica.

Recordou os meus triunfos no estrangeiro, e não esquece os de Lisboa, salientando a figura do Infante D. Afonso, que me mandava as mais lindas flores dos jardins reais, ao palco do Trindade.

E teve esta frase arrojada, que sintetisava bem o grande amor pelo seu ideal e o respeito pelos outros:

— «Era um bom tipo, de alma sã, plebeia.

"Foi pena ter nascido príncipe... Coisas do fado de cada um!"

E já se foram os três mosqueteiros, que por sinal eram quatro...

Eram quatro como na obra de Alexandre Dumas, não lhes faltando também arrogância, emoção, vivacidade, bondade e fé.

Mercedes Blasco.

NOTICIAS DA QUINZENA

As direcções das colectividades portuguesas do Rio de Janeiro com o embaixador e o consul de Portugal, em frente do palácio da Embaixada comemorando o 28 de Maio. Em nome colónia falou o consul geral, sr. dr. Paulo Brito, tendo respondido o sr. dr. Martinho Nobre de Melo. Em tôdas as associações portuguesas foram inaugurados retratos do Chefe do Estado e Presidente do Conselho, realizando-se sessões solenes cheias de entusiasmo e de fé. O Brasil, país irmão muito querido, manifesta assim o verdadeiro caminho a seguir, visto que, no seu seio carinhoso, os nossos patrícios têm sabido manter as suas tradições patrióticas. Lá de longe, os nossos irmãos não deixam de pensar na Pátria um só instante que seja. Belo exemplo!

O Orfeão de Estremoz «Tomaz Alcaide», composto de 120 executantes, que se exibiu no Teatro da Trindade, numa récita cheia de encanto e emoção. O seu regente, sr. José António de Lima conseguiu reünir um grupo numeroso que poucas vezes temos observado em agrupamentos musicais da mesma espécie. A melodiosa alma alentejana elevou-se ali, nesse espectáculo memorável em tôda a sua grandeza, empolgando todos os que tiveram o prazer de assistir

Aproveitando a visita dos representantes da Municipalidade de Paris, a Câmara Municipal de Lisboa ofereceu-lhes um almoço na Estufa Fria do Parque Eduardo VII, que decorreu num ambiente de grande cordialidade, sendo abrilhantado por um magnifico sexteto. No final usaram da palavra o sr. general Daniel de Sousa e Mr. Alfred Bour que trocaram as mais carinhosas saüdações. A nossa gravura apresenta os visitantes no momento da sua chegada à Estufa Fria

O modêlo do Estádio Desportivo que o Sporting Club de Portugal se propõe construir nos seus terrenos do Campo Grande, e cuja exposição foi inaugurada com a presença das entidades oficiais

A QUINZENA DESPORTIVA

MANUEL DIAS alcançou o segundo lugar na Maratona internacional de Londres. Este foi o acontecimento culminante da quinzena e será seguramente o facto mais notável do ano desportivo.

O valoroso campeão português, cuja gloriosa carreira é um atestado constantemente renovado de elevada classe atlética, deu formal desmentido àquêles que amesquinham por princípio quanto seja da nossa terra ou lhe negam valor por despeito ou cegueira clubista.

Em qualquer país do mundo, Manuel Dias seria um grande corredor, maior ainda do que o tem sido em Portugal, pois lhe proporcionaram ocasiões de provar em competições o mérito dos seus invulgares dotes físicos, e recursos técnicos para preparar-se de forma a traduzir em tempo o máximo rendimento das suas possibilidades.

Disseramos, há quási um ano, que o pedestrianista lisboeta deveria normalmente classificar-se entre os dez primeiros da prova olímpica de Berlim; os acontecimentos desmentiram a profecia, mas não abalaram a nossa confiança. Manuel Dias continuou merecendo o seu lugar no grupo dos dez melhores do Mundo e se o não provára na Alemanha, fôra apenas a conseqüência dum êrro táctico imperdoável num corredor com a sua longa experiência.

Naturalmente impulsivo, animoso como poucos, habituado a dispor seus embaraços dos adversários nacionais, homem cuja norma era mostrar as costas aos seus competidores e nunca ver-lhes as solas dos sapatos, Dias largou na passada do argentino Zabala em aventurosa correria, e com êle, flanco a flanco, seguiu na vanguarda da prova até quási meia distância; depois, o argentino ficou estendido na estrada, vítima da sua presumida abalada, e o nosso representante teve ainda energia em reserva que chegasse para concluir o percurso, mas perdeu nêsses vinte quilómetros terminais desoito minutos em relação aos vencedores. Melhor graduado o andamento, Manuel Dias obteria também melhoria de classificação.

Isto escrevemos na ocasião oportuna, pondo em fóco a necessidade — indispensável nas corridas de grande fundo — de empregar o cérebro ao serviço do trabalho muscular; infelizmente a lição não serviu, e o pedestrianista português, colocado segunda vez em circunstâncias idênticas, repetiu o êrro e o resultado confirmou o anterior.

Fugindo dêsde á partida em marcha forçada, de maneira tal que aos trinta e quatro quilómetros levava seis minutos aproximadamente de avanço ao corredor imediato, Manuel Dias quebrou tanto nos oito quilómetros finais, que Norris lhe ganhou, a bagatela de catorze minutos.

É esta a única crítica que nos merece a proeza do Manuel Dias. Pouco importa o tempo dispendido por êle para terminar o percurso, superior em vinte e cinco minutos ao seu melhor resultado e de escasso valor numa tabela de confronto internacional; pouco importa, porque o segundo lugar que lhe corresponde na classifação avalisa o merecimento da sua prova e demonstra-nos que a corrida se passou em ambiente e condições desfavoráveis dos quais todos os participantes se ressentiram. Não esqueçámos, por exemplo, que o mesmo homem, Norris, vencedor em 1936 e 1937 sôbre o mesmo percurso, levou êste ano mais treze minutos do que no ano passado para atingir a meta.

Em mérito relativo, o comportamento de Manuel Dias é brilhantissimo e dos feitos mais notáveis que constam do arquivo do desporto português em tôdas as modalidades, e êste é, afinal, o registo mais importânte de realçar, pois a afirmação duma superioridade relativa é o verdadeiro objectivo do desporto de competição; mas em mérito absoluto, a corrida do estradista lusitano fica sujeita à reserva dum imprudente êrro de táctica, tanto mais imperdoável quanto representa uma reincidência.

As corridas, de grande fundo vencem-se com um itinerário prèviamente estabelecido, e o cronómetro sempre à vista, a conferir o andamento; o entusiasmo e a leviandade são péssimos conselheiros para guiar um atléta.

■

Concorrente pela quinta vez ao Campeonato da Europa de hockey em patins, a equipa portuguêsa trouxe para o país uma bela terceira classificação, mantendo assim o posto que conquistara no torneio do ano transacto.

Batidos pela Inglaterra, campeão por assinatura, por 1-3 e pela Itália por 3-4, empatando por 1 bola com a Suiça e vencendo 1-0 a Bélgica, 3 1 a Alemanha e 2 0 a França, o grupo nacional deu briosa conta da sua incumbencia e provou que nos podemos considerar, sem espírito de vaidade, dos melhores europeus na especialidade.

Estreando-se internacionalmente em 1930 com o 4.º lugar na prova, que passou a 6.º no ano seguinte, a representação portuguêsa retomou em 1932 o seu primitivo posto e, depois de quatro anos de ausência, reapareceu mais aguerrida e em franco progresso para se assenhorear da 3ª classificação nos dois campeonatos últimos.

Conta o seu activo um total de 28 jogos contra as selecções de seis países: Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra, Itália e Suiça, nos quais conseguiu 11 vitórias e 3 empates, sendo portanto derrotada 14 vezes.

Só a invencível Inglaterra conta tantas vitórias quantos encontros nos disputou; com a Itália empatamos em 1931, vencemos a Alemanha e a França nos dois últimos torneios, igualamos com a Suiça em 1930 e êste ano, mas batêmo-la em 1932 e 1936, somando por fim cinco triunfos sôbre a Bélgica. Poucas modalidades poderão apresentar um rol tão interessante.

Verifica-se assim que os desportos menos favorecidos pela preferência do público, aquêles que trabalham numa atmosfera asfixiante de dificuldades, cujos praticantes não esperam compensação material do seu esfôrço e antes lhe sacrificam interesses, são os que por vezes melhor servem o prestígio da país afirmando além fronteiras um valor nos confortos dalguns dolorosos desaires sofridos em pugnas de responsabilidade diferente.

■

Não é ainda tarde demais para fazer referências ao Concurso de Gimnástica Educativa que tamanho êxito alcançou.

O Gimnásio Club Português, decano dos institutos nacionais de educação física, prestou ao país com esta sua iniciativa um relevante serviço cujas conseqüências, um futuro muito próximo nos permitirá apreciar.

Sete noites consecutivas, perante um público numerosíssimo e entusiasta, as apresentações das vinte e uma classes concorrentes nas diversas categorias mantiveram uma ambiente de interêsse, justificado pelo alto valor técnico do conjunto de exercícios, pelo aprumo e correcção dos executantes.

Um conjunto admirável evidenciando a competência dos professores e o aproveitamento dos alunos.

O concurso foi sobretudo, uma manifestação triunfal do ensino português da gimnástica educativa, e como elemento de propaganda, o mais útil dos espectáculos para levar ao conhecimento da massa desportiva, a beleza, a harmonia, o dinamismo, o valor atlético das exibições gimnásticas.

Os grupos que compareceram a prestar provas, quere os constituissem senhoras, homens ou crianças, receberam sem excepções em calorosos aplausos da assistência, aos quais juntamos os nossos e justo reconhecimento da sua valiosa colaboração num certamen de fins eminentemente patrióticos.

■

O Sporting Club de Portugal, ao encerrar a série brilhante dos festejos comemorativos do seu 31.º aniversário, inaugurou com a presença de altas individualidades oficiais no salão nobre da sua séde no Palácio Foz, a exposição do modêlo do estádio que se propõe construir no seu tereno desportivo do Campo Grande.

Trata-se dum empreendimento grandioso, mas traduzindo uma necessidade imediata do meio. O progresso do desporto português, que tão bons pronuncios apareceu a prometer, está na dependência directa da criação de instalações modernas e de amplitude e aperfeiçoamento suficientes para seu desenvolvimento. Por isso merece ser auxiliada a iniciativa do Sporting, que só será viável desde que reüna em torno de si grande número de boas vontades; empreza difícil, exigindo o recurso a capitais elevados, exige da massa associativa um sacrifício tão pesado que pomos em dúvida a capacidade daquela para o suportar.

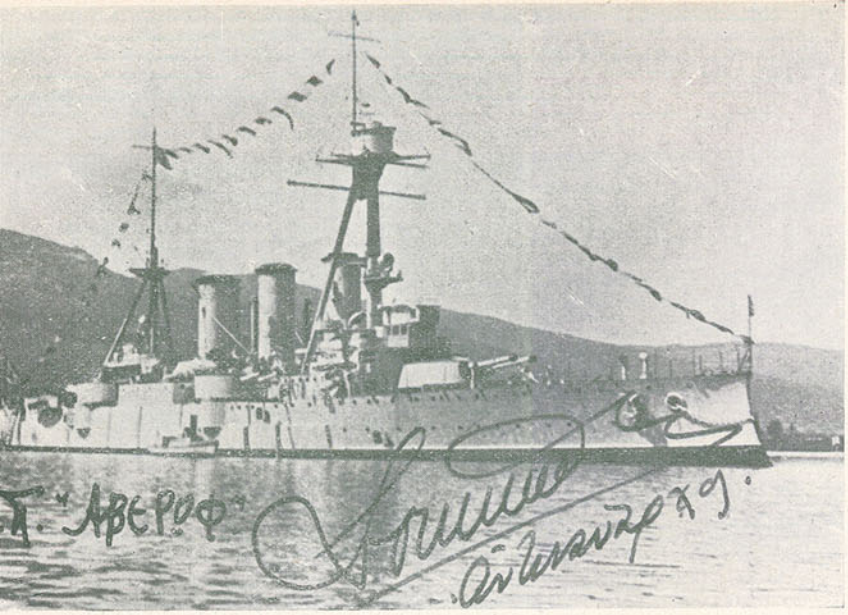
Há, no entanto, processos para tudo remediar; se os dirigentes agirem com critério e souberem despertar nos "leões" o entusiasmo clubista, nehuma dificuldade conseguirá impedir o êxito da obra.

Salazar Carreira.

Aspecto parcial do imponente desfile atlético realizado no campo do Sporting no festival comemorativo do seu aniversário, vendo-se em primeiro plano as senhoras que representavam a secção de gimnástica

As senhoras componentes das classes de gimnástica do Sporting e do Lisboa Gimnásio cuja apresentação foi dos maiores êxitos do recente concurso

A classe feminina do Gimnásio Club Portugues que obteve a mais alta classificação no Concurso de Gimnástica Educativa



A VISITA

DO CRUZADOR GREGO «GEORGES AVEROFF»

O capitão de mar e guerra, K. Kondoyánis, comandante do couraçado «Georges Averoff». É um distitto oficial da Marinha, tendo completado o seu curso na Inglaterra. *Em baixo:* o contra-almirante D. Ekonómou, comandante em chefe da Marinha grega, o comandante e oficialidade do «Georges Averoff», o consul suplente da Grécia, Emm. Pappámikail em frente do monumento aos mortos da Grande Guerra, onde foram depôr um ramo de flores

O cruzador couraçado «Georges Averoff» de 10 000 toneladas, construido em Livorno em 1911 e remodelado em 1926 nos estaleiros francescs. Foi comprado com o dinheiro deixado, pelo «Evergetes» Georges Averoff, milionário grego que dispendeu tôda a sua fortuna em obras de beneficência, construção de Escolas, Igrejas, estátuas e o famoso Stadium, que comporta 180 mil pessoas. Este barco deu a supremacia no mar à Grécia, e por isso na guerra balcânica de 1912, contra a Turquia, esta última não conseguiu transportar da Ásia Menor para a então Turquia Europeia, os milhões dos seus soldados, ficando vencida e dividida entre os 3 aliados balcânicos, Grécia, Sérvia e Bulgária.

Desde o início das operações, o almirante Paulo Koundouriótis comandante do «Averoff» fechou a esquadra turca nos Dardanelos, após uma batalha naval (1912) e quando esta tentou novamente a sorte, na batalha de Mudros na ilha de Limnos em 2 de Janeiro de 1913, ficou tão castigada pelo «Averoff», que se tornou a refugiar até o fim das operações, nos Dardanelos, depois de ter perdido várias unidades. O próprio almirante voou com a ponte do seu navio, atingido pelos canhões do «Averoff».

O almirante D. Ekonómou, por especial deferência para com o sr. Emm. Pappámikail, consul suplente da Grécia, ofereceu-se de baptisar o seu filho a bordo do cruzador «Averoff», figurando como padrinho o próprio cruzador.

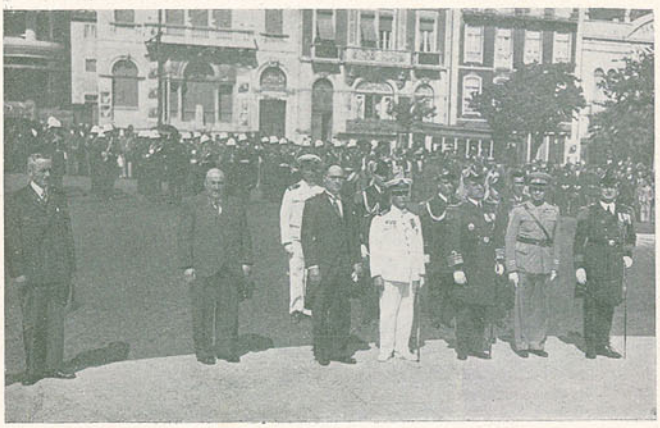
No dia 30 de Maio, depois da missa que se celebrou no convés da ré, com tôda a guarnição em formatura, seguiu a cerimónia do baptismo, segundo o rito ortodoxo, deveras curiosa e diferente da cerimónia católica.

O comandante do «Averoff», K. Kondoyánis, como representante do barco, figurou como padrinho, tendo-se dado à criancinha que é de 10 meses, o nome de George Averoff, Evangelos Emmanouel Gomes Pappámikail.

Na mesma pia baptismal, foi também baptizado um outro filho de grego, o Nikias Skapinákis, de 6 anos.

Depois do baptismo, seguiu-se um pequena festa a bordo abrilhantada com a charanga do barco. Celebrou a missa e o baptismo o Arquimandrita grego, Dionísio Pappánikoláou, da Marinha de Guerra grega.

O contra-almirante D. Ekonómou, comandante em chefe da Marinha de Guerra da Grécia e um dos mais cultos e competentes oficiais da Armada helénica. Como ministro da Marinha no Gabinete Tsaldaris (1935) foi êle que, com o comandante da Aeronáutica, Répas, e o general Pappágos, obrigou a entrega do poder ao general Kondilis e a promoção do plebiscito que deveria levar ao trono o rei Jorge II, então no exílio



UMA EVOCAÇÃO DE COMENIUS

GRANDE BOÉMIO E GRANDE EUROPEU

DUMOND-WILDEN, buscando na história da Europa os afloramentos do *espírito europeu*, assinala como, enquanto a unidade religiosa se quebra e os nacionalismos irrompem agressivos, desabrocha, contraditoriamente, uma das mais brilhantes formas dêsse espírito: o humanismo.

Homem de partido, porque partido religioso tomou, nem por isso deixou de ser, sôbre um dos maiores humanistas, um dos homens mais europeus, o checo Jan Amos Komensky, ou *Comenius*, teólogo, filósofo, moralista, novelista, pedagogo célebre — ainda que esquecido ou ignorado na França de Montaigne e nos que, intelectualmente, da França vivem.

E, contudo, Comenius pode bem medir-se com um Erasmo, sôbre o qual tem a superioridade moral da fé calorosa e profunda, da vida íntegra e heróica, e da adversidade constante, sofrida com a mais nobre e digna coragem.

Em 150 obras deixou rasto do seu inexaurível saber, do seu espírito genial. Mas talvez a tôdas sobreleve a sua construção pedagógica, verdadeiramente revolucionária no seu tempo, e ainda hoje em muitas das suas partes actual.

Os princípios que defendeu e exemplificou do ensino paralelo das ideias e das coisas, do ensino concreto, partindo do conhecido para o desconhecido, do real para o abstracto, foram, na França como na Polónia, na Inglaterra e na Holanda, na Suécia e na América (países que requeriam e disputavam a sua presença), semente que frutificou. Os seus métodos "forçaram mesmo as portas das escolas dos jesuítas", como diz Jelinek.

Mas se a sua Pátria, a velha e gloriosa Boémia, hoje a jovem Checoeslováquia, mantém tão vivo o culto da sua memória, não é só pelo alto valor intelectual e moral de Comenius, mas também pelo seu aceso patriotismo, que na época da maior desgraça nacional, quando a independência é perdida, se traduz no comovente Testamento, uma das grandes obras da literatura universal. Descoberta há poucos anos a sepultura de Comenius na capela valona de Naarden, onde o seu corpo foi enterrado em 22 de Novembro de 1670, o Govêrno holandês, num gesto de tocante amizade, arrendou perpetuamente essa capela, desde o começo do século XIX desafectada do culto, à Checoeslováquia, que a mandou restaurar e adaptar a mausoléu.

Restituído o edifício ao estado primitivo pelo arquitecto holandês Slothouwer, e concluídas as obras de adaptação sob a direcção do arquitecto checo Machon, com a colaboração de artistas como o escultor prof. Horejce, que modelou os 8 relevos com cenas da vida de Komensky, e o pintor prof. Benda, autor dos 7 grandes quadros gravados no vidro, foi a capela solenemente inaugurada no passado dia 7 de Maio, com a presença do ministro da Instrução checoeslovaco e de outras altas individualidades.

Mas se esta celebração foi principalmente checa, não deixa por isso de ser europeia, porque *homem europeu* foi Comenius e porque património da cultura europeia são as suas *Janua Linguarum Reserata*, a sua *Didactiva*, a sua *Pansophia*, o seu *Orbis pictus* ou o seu *Vestibulum Rerum et Linguarum* de cujo sugestivo frontespício publicamos a gravura.

E em tempo tão prenhe de inquietações quanto ao futuro da Europa, como o nosso, parece bom serviço recordar aqueles que, ao mesmo tempo que bons patriotas, foram excelentes europeus.

A alegria é para a mulher uma condição essencial para ser feliz, seja qual fôr o seu estado, e seja for a sua condição social. Uma mulher casada e mãi de família, tem na alegria a melhor auxiliar para lhe tornar a vida fácil, porque alegrando o ambiente ela tornará alegres o marido e os filhos.

Um grande Santo disse: «Um santo triste é um triste santo» e eu digo-vos uma mulher triste é como uma flor sem perfume, como uma estrêla sem brilho, é uma anomalia da natureza.

Há quem suponha a alegria como um sintoma de frivolidade fútil, não há maior êrro. Há pessoas que supõem que a tristeza é um sintoma de profundidade de alma, de elevação de sentimento e até de religiosidade. Não pode haver maior engano. A verdade é muito diferente, a alegria é um dos maiores factores da vida, um tesouro precioso, uma fôrça incontestável.

E' um sintoma de saude física e de saude intelectual e moral e o homem não pode viver sem ela. A vida é difícil, pois não há melhor arma para a vencer do que a alegria. Claro que a alegria deve ser uma manifestação sã de equilíbrio e não um sintoma de excitação nervosa que algumas pessoas confundem com alegria.

Mas essa alegria sã, vivificadora, que anima e dá coragem para viver, que enche a alma, que torna mais fácil a luta pela existência deve ser cuidadosamente cultivada pela mulher, deve ser desenvolvida nas crianças, deve ser conservada nos velhos, porque é um elemento de vida, de satisfação e uma criadora de bondade, porque a bondade é sem dúvida alegre.

Uma vida sã cria uma vida alegre e a mulher tem o dever de viver com alegria, uma vida de dedicação e de amor aos seus, espalhando à sua volta a satisfação, que a tornam uma flor da criação de Deus e um amparo do homem na vida que Deus lhe destina.

Maria de Eça.

A mulher deve ser a alegria da casa, dos seus, da vida. A alegria é uma fonte de vida e uma mulher triste, é quási uma aberração da natureza. Naturalmente que tristezas tôdas têm e desgostos não é possível evitá-los, e que quem está debaixo dum profundo golpe não pode estar alegre Mas não é a essa justificada tristeza que eu me refiro.

Sentir é natural na mulher, a quem Deus deu uma sensibilidade sentimental mai profunda do que ao homem, mas uma coisa é sentir os golpes do destino, mais duros numas existências do que noutras, e outra coisa é ver essas mulheres que não têm alegria, que nada as satisfaz e cuja vida é uma lamentação de todos os instantes, desde que abriram os olhos até que os fecham.

A alegria é uma bênção de Deus e não se compreende uma rapariga nova, triste, uma mulher melancólica: a alegria é para a mulher o que o perfume é para a flor, uma coisa natural, que se espalha em volta de nós sem quási o sentirmos, que nos torna a vida agradável a nós pessoalmente e também aqueles que nos rodeiam e com quem convivemos.

A vida deve ser vivida com alegria porque a vida é um dom de Deus a que nos devemos mostrar gratas.

A mulher alegre torna o seu lar um lugar agradável e faz felizes os seus, as crianças criadas com alegria conservam tôda a sua vida, nos olhos uma irradiação interior, que as torna atraentes e simpáticas e que lhes dá portanto muitas facilidades para vencer na luta de todos os dias, essa áspera luta que é a vida da gente de hoje.

A mulher alegre é forçosamente boa porque a alegria é um sintoma de tranqüilidade de consciência; uma pessoa má, uma alma despedaçada pelos remorsos, não pode ter alegria, não pode irradiar satisfação, o sorriso será um «rictus» da face e não a iluminação do rosto, que a satisfação de viver, dá aos que tem a consciência tranqüila.

Mas como se pode ser alegre numa vida cheia de dificuldades? — preguntarão algumas pessoas Muito fàcilmente, aceitando essas contrariedades como coisas inevitáveis, tratando de as remediar se é possível, mas não aumentá-las, fazendo delas coisas enormes, que muitas vezes não são.

Porque se a vida é cheia de dificuldades é também cheia de pequeninas alegrias, que se as soubermos aproveitar aquecem a alma, como os pequenos raios de sol aquecem o corpo.

Porque não havemos de aumentar essas pequenas alegrias, como o fazemos às pequenas dôres, porque havemos de pensar sempre no que nos tem afligido, e, não havemos de relembrar com imensa satisfação as grandes e pequenas alegrias que temos tido na vida e que tiveram no nosso destino, uma irradiação de multicolor aurora boreal?

PÁGINAS FEMININAS

A moda

Sempre um pouco influenciada pela literatura ou pela política a moda reflecte as tendências da época.

A sua ditadura e a sua tirania tão discutidas,

não são tão reais como parecem porque a verdade é que os criadores da moda são em geral influenciados pelo ambiente em que vivem e respiram. As suas criações, não são fantasistas, são em geral resultado dos factos, que mais chocaram a sua imaginação.

Um livro, uma peça de teatro, um acontecimento político, uma descoberta científica, podem dar origem a uma criação de moda.

E' para notar de estação para estação a real inspiração causada pelo facto dominante na ocasião.

Este inverno uma das peças que mais chamou a atenção nos teatros parisienses foi a «Madame Bovary» de Gustave Flaubert, peça extraída do romance que tanta sensação causou, e, que deu motivo às mais variadas controvérsias quando foi publicado e que é um dos modelos da literatura do século XIX. Molyneux, o grande costureiro, artista da moda criou para êste verão o modêlo Madame Bovary, de que damos hoje uma reprodução.

E aqui têm as senhoras que gostam de vestir literàriamente, um modêlo que ressuscita a mulher fatal, do livro do grande escritor.

Vestido em «organdi» preto de grande roda na saia, sôbre um fundo em «taffetas» da mesma côr, mangas amplas apertadas nos pulsos por uns punhos estreitos. Grande capeline em palha de côr natural, guarnecida com uma fita de veludo preto. A capeline tem a aba mais descaída adiante e atrás.

E temos nesta «toilette» tão elegante a ressurreição da moda, que marcou a passagem do puro romantismo para a literatura realista. Madame Bovary ainda hoje tem influência nas elegantes avançadas de nossos dias, imposta por Molyneux, o grande criador da moda parisiense.

A blusa, outra ressuscitada, aparece sempre na moda de hoje, blusas simples para de manhã, complicadas na «toilette» de tarde, ricas nos vestidos de noite, mas sempre a blusa, desaparecida alguns anos para melhor triunfar agora.

Damos hoje uma elegantíssima blusa em «lamé» de prata, simples é abotoada por três rosas no mesmo «lamé». Com uma saia comprida de cauda, faz uma elegantíssima «toilette» de noite, com uma saia mais curta em setim preto, é uma «toilette» simples. Executada em seda de tons pastel, faz uma «toilette» mais simples e em seda azul escuro com uma saia em lã faz uma «toilette» de verão para a rua de grande distinção e elegância.

O penteado do manequim é também do último modernismo e ensina-nos novas formas de dispor a cabeleira com novidade e chique.

Para a noite temos um elegantíssimo modêlo em renda de oiro O rico tecido faz com que se suprimam tôdas as guarnições. Assente sôbre um vestido em setim côr de oiro tem a mais brilhante maneira de realçar, podendo no emtanto o «fourreau» ser de outra côr segundo a fantasia de quem o mandar executar. A ampla saia forma contraste com a simplicidade do corpete produzindo um elegantíssimo conjunto.

O chapeu é sempre preocupação da mulher, tanto, que na mudança de estação é sempre a primeira coisa que se compra.

Este verão usam-se chapeus enormes e de várias formas, o que não quer dizer que o chapeu pequeno tenha perdido os seus direitos há tanto tempo adquiridos.

E para exemplificar damos um lindo modêlo de chapeu pequenino com cortes, que deixam ver a linda cabeleira. Todo feito em «taffetas» preto pespontado, é guarnecido por «palettes» no mesmo tecido e também pespontadas e por um gracioso véu que o envolve dando o efeito de leve e fina auréola, do mais fino efeito e grande elegância.

A mulher no Japão

Por tôda a parte a vida se tem modificado e por tôda a parte a mulher vai invadindo a vida profissional liberal até agora pertença exclusiva do homem. No Japão já há advogadas.

Um eminente homem político japonês, ao ser entrevistado sôbre o assunto disse: «Estamos firmemente convencidos de que a mulher como advogada veio preencher uma lacuna na administração da Justiça, no Japão».

De resto, esta medida teve a intenção de equiparar sempre e cada vez mais, os direitos da mulher aos do homem. As advogadas podem ser especialmente indicadas para derimir delicadas questões domésticas, que infelizmente cada vez vão aumentando mais, e evitar assim o esfacelamento de numerosas famílias.

O elemento conservador japonês declara-se abertamente contra estas inovações que acabam com as «musumés» de pintura «kakemono», faces esmaltadas de mimosas côres, e, unhas doiradas.

E' para notar como mesmo nos mais tradicionais países, em que a tradição está acima de tudo, como no Japão, a mulher tem conseguido impôr a sua inteligência, até há pouco tão discutida.

O casamento na China

Para os europeus a China é o mundo ao contrário. Os filhos do céu leem os jornais de baixo para cima, vestem de branco quando estão de luto e começam a amar as esposas no dia seguinte ao casamento.

A revolução modificou os códigos, mas não mudou os velhos costumes matrimoniais. São os pais que procuram a noiva para os filhos, aquela que êles sonharam.

Um belo dia o jóvem sabe que vai casar, e, na maioria dos casos, vê a noiva pela primeira vez no dia do casamento.

E' um bem? E' um mal? Nem uma coisa, nem outra, porque não consta que na China haja mais lares desunidos no que nos outros países. O que é verdade é que muitas contrariedades e discussões são poupadas aos noivos.

Há também na China o divórcio, mas é mais difícil obtê-lo do que na Europa e na América, Sete motivos de divórcio são admitidos, entre os quais, a cleptomania, o caracter desconfiado e o ser linguareira.

Pode acontecer actualmente, que um par chinês se una por eleição própria, mas o que os dois nunca deixarão de fazer é consultar o pai e a mãi e é raríssimo que recusem o noivo ou a noiva por êles escolhidos.

O trabalho feminino

Não fica mal a ninguém trabalhar e a mulher da nossa época tem admiràvelmente compreendido esta verdade.

Senhoras da mais alta jerarquia têm compreendido o valor do trabalho nesta época e dão o exemplo, não se envergonhando de ganhar o dinheiro necessário à sua vida.

A ex-imperatriz Zita da Austria, emquanto seus filhos foram pequenos procurou por todos os meios compatíveis com a sua dignidade de senhora, angariar recursos para educar os seus oito filhos, e não hesitou em tirar partido do trabalho das suas reais mãos.

Da maior habilidade em todos os lavores femininos logo que começou a moda do «tricot» trabalho em que é muito hábil, confeccionou «sweaters», que nos meios vienenses e húngaros eram disputados e pagos como trabalho real. Naturalmente que eram caros os seus trabalhos, e, passando pelas mãos dos intermediários os seus preços aumentavam.

A filha dum rico marchante de Viena de Austria, usava, despertando a inveja das suas amigas um «sweater» de malha de seda, feito pelas mãos imperiais. Seu pai pagara-o pelo respeitável preço de seis mil francos.

Feito por uma qualquer operária não valeria mais do que duzentos francos. A igualdade é um mito que nem no trabalho existe.

Receitas de cozinha

«Plake-ceste» de boi meia salgada: Escolhe-se um troço de carne que pese 1 quilo e 500 gramas, que seja alta e entremeada; serram-se os ossos para facilitar o seu corte. Pica-se a carne com uma agulha grossa, própria para estes serviços; bate-se diversas vezes; depois misturam-se dois punhados de sal com 40 gramas de salitre esmagado (que se encontra á venda nas drogarias).

Em seguida coloca-se esta carne num prato côncavo, no qual se deve deitar um pouco de sal; cobre-se o resto de sal, misturando-lhe um pouco de tomilho e loiro e oito grãos de pimenta.

Conserva-se esta carne em sítio fresco, durante 5 dias ou 3 ou 4 dias se o tempo estiver húmido. Na ocasião de se comer lava-se bem em água fria, deita-se numa caçarola, cobre-se completamente com água fria, juntam-se duas cebolas cortadas em 4, duas cenouras, um cravo da India e um ramo de salsa e deixa-se cozer devagar durante três horas.

E' conveniente, que a carne fique sôbre o rijo o que é preferível a ficar cozida de mais. Com ela devem servir-se batatas fritas e couves cozidas com môlho de manteiga e limão, sôbre a carne ha quem deite môlho de tomate, mas não podendo pode passar sem isso.

Higiéne e beleza

Uma das maiores belezas da mulher é um bonito pescoço, e nem todas as senhoras o tratam com os necessários cuidados.

O pescoço peca em geral por secura. E' preciso desde a idade de 17 anos, tratar o pescoço para evitar a aparição dos músculos, que fazem o desespero das «coquettes». Deve empregar-se uma matéria gôrda ou óleo especialmente preparado. Um tratamento excelente é o seguinte.

Põe-se uma camada de óleo de amêndoas dôces, que se deixa estar uma hora ou mais, lavar com água fria sem empregar antes o óleo. Este processo torna mais firmes os músculos e dá mais elasticidade á pele. A massagem em volta vindo de baixo para cima no pescoço repetida várias vezes por dia é indicada.

Ha ainda um outro exercício: colocar-se deante dum espelho, avançar o queixo, fechando a bôca, como quem está amuada, fazer isto oito ou dez vezes a seguir.

Mas o que é preciso é começar a tratar o pescoço desde a maior juventude porque depois de aparecerem os músculos não ha facilidade de modificar êsse grande defeito, que torna o pescoço feminino tão feio e desgracioso, e, o pescoço deve ser uma das belezas da mulher.

De mulher para mulher

Anita: É sempre com prazer que respondo às cartas das minhas leitoras e creia que nada me incomoda. Quanto ao conselho que me pede, tenho a dizer-lhe, que sendo o mais possível contra o divórcio, nunca o poderia aconselhar

por um motivo tão fútil. Ature esses pequenos inconvenientes e creia que essas mulheres cuja felicidade inveja terão sofrido maiores desilusões. A vida é assim resigne-se e creia que é bem feliz de só ter essa queixa parece-me que é uma mimada habituada a pensar que o mundo se fez só para si.

Daisy: E' encantadora a sua pequenina e deve continuar a vigiá-la assim, porque vê o seu trabalho bem recompensado. Em geral as crianças dão-se bem á beira-mar, mas aconselho-a a que procure o médico, porque é mais seguro. Faça-lhe vestidinhos em *tricot* e nunca a exponha a diferenças de temperatura sem agasalho. Leia a Maria Stuart de Stephan Gwey. Melhor do que o filme lhe dará uma ideia do que ela foi.

Graciosa: Um vestido em «organdi» côr de rosa ou branco, com folhinhos, uma «capeline» guarnecida a flores. Eis a toilette indicada aos seus vinte anos, numa «Garden party». Deve ficar encantadora.

Pensamentos

Quem se vence a si próprio mostra mais coragem do que quem conquista muitas cidades fortificadas. A coragem não pode ir mais longe.

Ovídio.

A Dor é o arado de Deus: rasga o corpo do homem, insinua-se até à alma, para que o seu calor interior desperte e faça dum lume amortecido, um vulcão em maré de fogo, erguido para as alturas.

Leonardo Coimbra.

Quási nunca, principalmente na mocidade é incuravel uma doença, enquanto não está contaminado o espírito. Se o espírito mais débil e mais fraco se der a um trabalho continúo, não terá tempo de caír doente. Com a ociosidade morre-se. O aço que não serve, enferruja.

Bulwer.

Custa menos a acerar um epígrama, do que a ouvir a verdade e a buscá-la.

Rebelo da Silva.

O céu sempre iluminado anuncia e celbera a glória imortal do Ser Supremo que o criou.

Para se ser indulgente basta um pouco de bom senso e um pouco de ternura no coração.

O melhor de todos os bens é a beleza da mulher. — *Schiller.*

A noite, amiga e inimiga dos homens, afliçõo dos tristes, alegria dos alegres, e amada pelos que amam. — *Goethe.*

UMA CONFERENCISTA NOTAVEL

Já entre nós há, um número grande de senhoras que demonstram a sua grande cultura em conferencias, que marcam no nosso meio literário, tornando público o valor da mulher portuguesa, que não está no atrazo em que muita gente se compraz de a colocar. A mulher portuguesa de certa classe têm uma cultura geral que não é menor que a da mulher franceza, ingleza ou italiana da mesma classe e até é muitas vezes superior a sua instrução, à das mulheres de outras nações.

Mas há figuras que nessa pleiade de senhoras cultas, se salientam e como conferencista não hesito em colocar no primeiro lugar a senhora D. Amália de Poença Norte.

Nova, interessante, pelo seu físico atraente, é já agradável, e o que nos oradores seja do sexo feminino ou masculino não é nada indiferente. D. Amália Norte, impõe-se por uma eloqüencia que não é vulgar em homens ou senhoras, por uma fluência, que nos demonstra a sua facilidade em falar, um vocabulário riquissimo sem ser afectado e dando a maior naturalidade às suas conferencias, uma memória prodigiosa, que não falha em datas históricas, uma dicção perfeita, que uma linda voz ajuda, póde dizer-se sem lisonja, que esta senhora é completa como conferencista.

Nasceu em Lourenço Marques, nessa longínqua colónia de Moçambique, na pérola das nossas cidades coloniais, esta interessante senhora, fez a sua educação nessa cidade, onde os coloniais encontram a maior facilidade em educar seus filhos, como o prova esta ilustre senhora, tendo-se aperfeiçoado na África do Sul, numa das mais belas cidades da União Sul África, domínio inglês onde predomina a educação inglesa, que dá à mulher êsse desembaraço que não exclui o porte senhoril, que torna tão distinta a mulher que com simplicidade e elegância o exterioriza.

Têm uma verdadeira vocação para a declamação, diz esta senhora versos com um mimo e uma compreensão, que a tornam mestra na arte de dizer. Mas onde o seu talento se têm fortemente vincado é na conferência, êssa difícil arte intelectual.

Porque a conferência é uma arte que exige muitos predicados, que nem a tôdas é dado possuir. Prender a atenção do público, apresentar uma ideia, desenvolvê-la sem perder nunca o contacto intelectual com o público, é uma verdadeira arte e talvez de tôdas a mais difícil. O pensamento humano é tão fácil de distrair, que obrigá-lo a seguir o nosso e a aceitar o nosso racíocinio, implica a superioridade de quem o faz e o consegue, como sucede à senhora D. Amália Norte em tôdas as conferencias que têm realizado.

Nascida numa colónia portuguesa, é bem natural que a sua lucidissima inteligência se dedicasse ao estudo das colónias, da história de heroicidade, que têm sido a nossa colonisação e de todos os assuntos que se ligam ao nosso Grande Império Colonial. Grande pela sua enorme extensão, grande pelas façanhas heroicas, que são modelares na história das colonizações mundiais e grande no resultado obtido. Assim o demonstra em tôdas as suas admiráveis palestras a jovem e talentosa oradora.

Esta senhora é a primeira e única mulher portugueza, que têm falado na Sociedade de Geografia de Lisboa, e fê-lo sempre a convite da mesma Sociedade, tendo sido as suas conferencias apreciadissimas por um selecto e numerosissimo público, que aplaudiu sempre com entusiasmo que as suas magníficas conferencias pediam.

Há dois anos realizou esta senhora uma brilhantissima conferência sôbre o «Combate de Marracuene», no Instituto de Coimbra, que tem no nosso país a mesma categoria da Academia das Ciências de Lisboa, e elegeu-a por unanimidade sua sócia, depois de ter ouvido essa descripção tão patrioticamente feita pela conferencista que descreveu com tal entusiasmo o feito de armas nossos soldados que pelo público passou essa comoção que só um grande orador póde conseguir daqueles, que o ouvem e que é a maior prova do seu talento oratório.

Nêste Instituto de Coímbra há apenas três ou quatro nomes de senhoras, sendo num dêstes o de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e, há mais de vinte anos que se não fazia uma eleição feminina e que representa uma merecidissima distinção, que vem provar que em Portugal se reconhece o mérito feminino, quando êle verdadeiramente existe.

Numa das conferencias que fez na Sociedade de Geografia, conferência a que assistiu o senhor Presidente da República e os ministros das Colónias e da Educação Nacional, foi a senhora D. Amália de Proença Norte, condecorada pelo ilustre e venerando chefe do Estado com a comenda de S. Tiago.

Quando da «Semana Militar», promovida pela Revista «Defeza Nacional», fez uma conferência na sessão solene também realizada na Sociedade de Geografia, sessão em que também falou o senhor ministro da Educação Nacional.

A tôdas estas conferências assistiram sempre muitas entidades oficiais e de alto relêvo social e literário e um grande público.

São inúmeras as conferências realizadas por esta senhora, sôbre assuntos educativos e patrióticos sendo porém as colónias que lhe merecem um especial carinho e predilecção, tendo sido a última no Salão Nobre da Câmara Municipal de Coimbra, a 7 de maio, a convite dos Sindicatos Nacionais daquele distrito.

A Lusa Atenas demonstra sempre o aprêço que tão justamente lhe merece a ilustre conferencista Também os assuntos musicais tem sido magistralmente tratados em brilhantes conferências por D. Maria Norte, que é uma distinta cantora e pianista de valor. Não podia deixar de ser uma cultora desta arte, quem tem uma tão sensível alma de artista. E a música encontra nesta senhora uma intérprete que a compreende e a valoriza, o que não admira em quem Deus dotou de tão altos predicados.

Esta senhora é colaboradora assídua da *Hora de Arte*, onde tem feito ouvir a sua linda voz, como cantora, recitadora e conferencista, dando a esta obra, que tanta simpatia lhe merece, as diferentes modalidades do seu previlegiado talento, e, contribuindo com êsse talento para a educação do operariado de Lisboa e para o seu levantamento intelectual, obra que merece ser louvada, pois é êste o verdadeiro altruismo, contribuir para a felicidade do próximo, aumentar-lhe o saber, dar-lhe o prazer intelectual, com os predicados de valor que se possuem e que são o mais valioso dom.

D. Amália de Proença Norte

Mas tem ainda esta senhora uma outra modalidade, que deve ser conhecida de tôdas as mulheres de Portugal, que se interessam pelo movimento intelectual feminino, escreve e tem várias obras publicadas e outras a publicar. Entre elas escolherei alguns títulos, que são só por si uma recomendação:

«Em Portugal e África», «Heróis e Colonizadores», «A Grandeza do Império». «Cabouqueiros do Império», «Freire de Andrade». «Gigantes e Aventureiros», «A Epopeia da Raça», «Os Grandes Valores de Portugal», «Polifonia Local», «Músicas Brasileiras», «Contos e discursos».

É para admirar numa senhora esta vida de labor intelectual, que a absorve por completo. São figuras destas, que dignificam a mulher e que mostram bem, que a senhora portuguesa se eleva tão alto como as estrangeiras, quando é real o seu valor e que o desprêzo que merecem no nosso país as mulheres de talento ou mesmo inteligentes apenas, não passa duma lenda.

Em Portugal, como em tôda a parte, se reconhece à mulher o direio de ter valor e de ser alguém, naturalmente, como em tôda a parte quando êsse valor é real e não apenas fruto duma imaginação fantasiosa.

É uma satisfação para mim poder fazer justiça a um espírito superior de mulher, embora o meu conhecimento, com a senhora que o possui, seja apenas aquele do público que a escuta ou que a lê, mas quando isso se dá, como acontece com a senhora D. Amália de Proença, é maior a minha satisfação, porque na apreciação que faço, não é de forma alguma sugestionada pela amizade.

Maria de Eça.

Individualismo, Independência e Personalidade

São maus os tempos que vão correndo, para nos pronunciarmos afoitamente, sem que nos julguem, por isso, de ideias avançadas e, mesmo quando elas assim não sejam, as deturpem, por uma questão de facciosismo!

Verdade é que, a imprudência de uma explanação de qualquer caso filosófico pouco perceptível, poderá conduzir os menos cultos a julgarem de feição e apoio às suas ideias, aquilo que, muitas vezes, consiste numa reprovação.

E' por isso que todo o cuidado daquele que pretenda sair do âmbito dos assuntos triviais, deve fazer convergir toda a sua atenção e precaução, ao tratar de certos casos delicados.

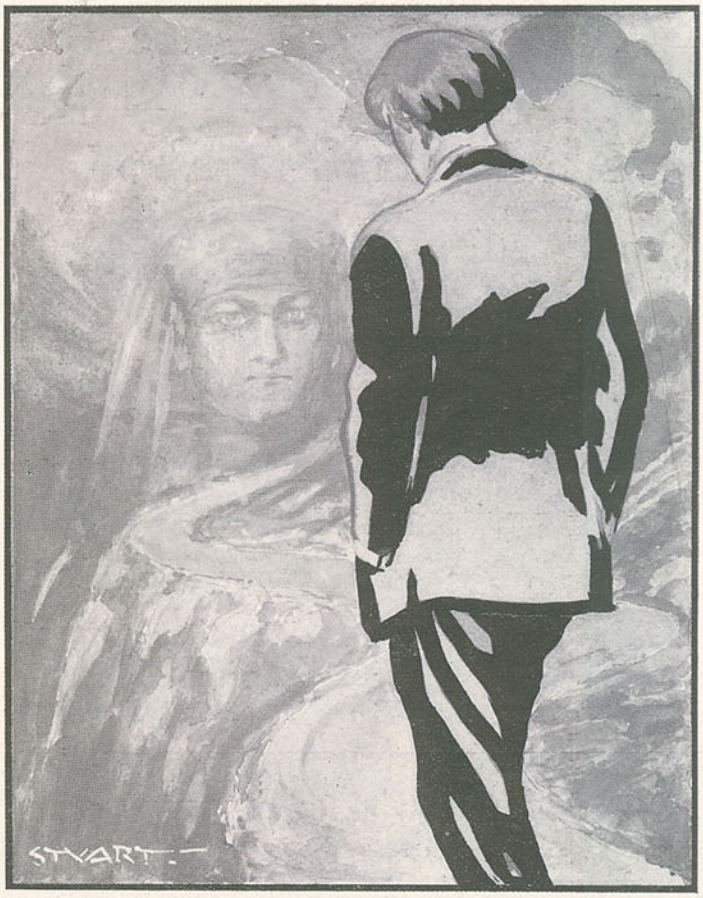
Neste nosso século, que tantas surpresas ainda nos pode reservar, a mentalidade e a própria percepção inteligente, sente-se abalada pela febre da luta por ideais diametralmente opostos e, o tempo não sobra, para a meditação no que de bom e edificante existe no remanso e acalmia da Natureza em paz.

O egoismo insaciável, a loucura nevrótica duma vida trepidante, os vícios adquiridos arrastados nessa carreira desenfreada para atingir uma meta que se não vê, nem tão pouco se imagina, o caos bélico em que se degladiam os sãos princípios da pátria, da família e da religião dum lado, das atrabiliárias e ferozes ideologias inconsistentes, do outro, levam o ser humano a desinteressar-se da sua condição de coadjuvador, trazendo a sua existência afastada da colectividade, roubando com o seu individualismo, a cooperação que lhe está indicada no progresso e desenvolvimento dos povos.

Se o homem hodierno tem de olhar os casos da vida com uma certa praticidade e agir de moto-próprio, isso não impedirá que acate e proceda em conselho, visando sempre o fim de se harmonizar com o seu semelhante, dentro do espírito mais justo e humano, servindo-se da sua inteligência e saber a bem das causas comuns.

Na generalidade, quem enferma do individualismo, são os que, protegidos por um nome que não honram ou pela posição alcançada (muitas vezes inconfessável) — que atingem, passando de tropel por tudo e todos, afrontam com o seu descomunal impudor e bestialidade os que, cônscios da sua missão de bem construirem os alicerces duma civilização, são educados, cultos e modestos.

O individualista sabe imiscuir-se dentro das colectividades, para aí fazer impor ignorantemente a sua vaidade, não se esquecendo de denegrir e até troçar dos preceitos que as rege e orienta.



Se a dependência a razar pela submissão completa e indiscutida avilta, a isenção de carácter, os bons costumes e a coragem cívica tornam o homem independente, embora que dentro da sua profissão êle ocupe o primeiro degrau no labor junto dos colegas.

Dentro da cordealidade mútua que se devem os que estão abaixo ou acima na escala hierárquica, acatando a lei e sendo mantenedores da ordem; dentro dos sentimentos humanitários e do respeito pelas ideologias conscientes, num ambiente de paz e sossêgo: é que se pode estudar e normalizar a vida económica, estabelecer regalias e acudir às necessidades dum povo, assegurando-lhe a independência material, moral e cívica.

Não é pelo terror, nem pelas práticas sistemáticas e selvagens, que se impõe um ideal ou mesmo uma ambição; é sim, pelas verdades e pelas provas de capacidade em que êsse mesmo ideal consiste.

Não é massacrando indefesos, nem obrigando pela violência à luta, mas sim pelo escrutínio consciente e pela acção independente dum povo culto, que os ideais se cimentam e garantem o bem futuro da humanidade.

São os personagens de que nos fala a história e, só aqueles que alguma cousa de bom e humano fizeram, que tomam vulto e se revelam aos nossos olhos como patriotas, dando o exemplo são e virilizador aos perpetuadores duma nação, contribuindo com o melhor do seu esfôrço, saber e génio, para o seu engrandecimento e consideração no mundo.

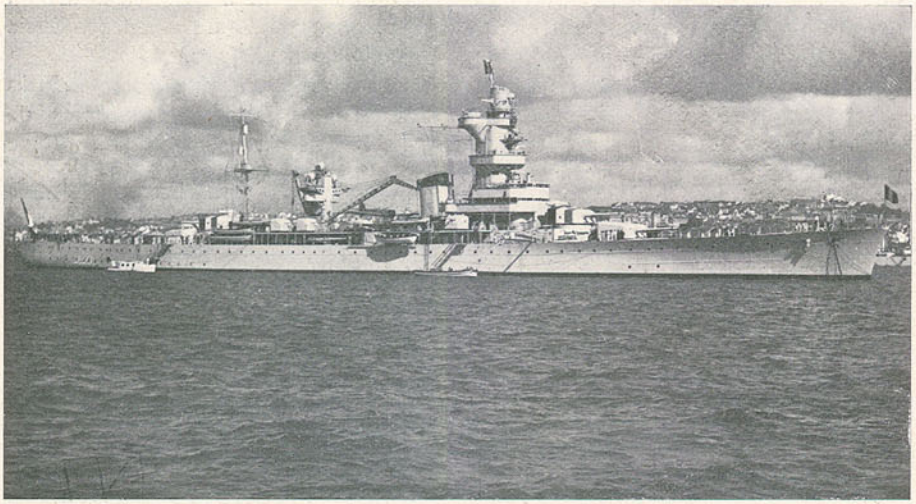
E' o heroismo, o génio criador, a inteligência e a bondade que pode vincular e elevar à consideração, todo aquele que por êsses dons, venha a constituir-se na acepção da palavra: uma personalidade!

As personalidades não nascem do reclamo principiado e baseado na incultura e exploração dos ignorantes; elas em geral andam escondidas na meditação e, muitas vezes, na timidez dum remorso que lhes ficaria dum passo errado ou mal seguro. A personalidade de cada homem, mostra-se pelas obras levadas a efeito com o fim exclusivo e único de bem servir até à abnegação, a causa do seu ideal, quer nas artes, ciências ou letras, a bem do seu semelhante e do nome da sua pátria.

E' dêsses priviligiados que a nossa História contém, e devemos continuar a perpetuá-la, bebendo na sua fonte os exemplos de que nos honramos, para continuarmos a ser um povo independente e um Portugal com personalidade.

Luiz Passos de Lima Guimarães.

FIGURAS E FACTOS



Em visita de cortezia, fundeou no Tejo uma divisão de cruzadores franceses, constituida pelo «Foch», «Colbert» e «Algerie», a bordo do qual viaja o almirante Abrial, comandante em chefe da Esquadra do Mediterrâneo. Esta divisão era acompanhada por doze contra-torpedeiros e três submarinos que seguiram para o sul quando os cruzadores aproaram ao Tejo. As gravuras acima apresentam o cruzador «Algerie», navio almirante, e o almirante Abrial após o desembarque no Arsenal de Marinha

General Emílio Mola, comandante em chefe das fôrças nacionalistas no norte de Espanha, morto num desastre de aviação

Maxime Vaultier, director gerente da firma H. Vaultier & C.ª, recentemente agraciado com a comenda da Ordem de Cristo, justa recompensa devida a quem, como o homenageado, tanto tem pugnado em prol do desenvolvimento da indústria nacional. Festejava-se também o 40.º aniversário desta casa

Rafael Seruya, moço de tanto talento como iniciativa, publicou um magnífico trabalho sôbre «As Exposições como elemento de progresso», que o sr. Conde Claude de Séze, adido comercial da França em Lisboa prefaciou. Belo trabalho que vem a-propósito da Exposição de Paris

João Paulo Freire (Mário), o vigoroso jornalista, acaba de publicar mais um livro «Histórias da vida...» em que há beleza, encanto e erudição. Nas suas páginas são focadas com ineditismo algumas das passagens da nossa história. É uma obra necessária em tôdas as boas estantes

No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras realizou-se um banquete de confraternização em que tomaram parte cêrca de 100 professores e alunos. Aos brindes usaram da palavra vários oradores que enalteceram o espírito de camaradagem que une os professores aos seus alunos e honram o estabelecimento que os acolheu. A todos agradeceu o sr. dr. Beirão da Veiga, que presidia aquela simpática festa

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Politeama

Constituiram sem dúvida alguma um dos maiores acontecimentos artísticos e mundanos as três récitas de caridade, que se realizaram no teatro Politeama, nas noites de 2 e 4 e tarde de 10, com a representação da revista em três actos dividida em oito quadros «Pronto! Assim é que é!», cujo produto se destinava a favor da Casa de Proteção e Amparo de Santo António, foram três festas, que decerto ficarão marcadas a letras de oiro nos anuais mundanos, pelo enorme prazer espiritual que elas revestiram.

A revista «Pronto! Assim é que é! está escrita com simplicidade, espírito e oportunidade, tendo números de agrado certo sôbre os pontos de vista como por exemplo números dos bailados, de conjunto, que o distinto bailarino Charles deu enorme relêvo, apresentando belas marcações, e as rabulas «Ultimaromântica» que D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, deu enorme realce, «Pulquéria» por D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, que lhe imprestou a sua nota cómica, contrascenando, com seu pai o impagável actor, que nos fez recordar, belos tempos de outrora, e sua gentil filha, D. Maris de Lourdes da Gama Sepúlveda, que no «Pirolito», charge ao «foot-ball», nos deu sem dúvida a impressão de estarmos em frente de uma artista e não de uma amadora, o quadro de comédia, com que abre o segundo acto, está bem urdido e nesse se salientam todos os amadores sobretudo D. Maria Adelaide da Gama Sepúlveca e Edgar Plantir, outro elemento da velha guarda, que há já muito tempo não viamos aparecer em palcos, que embora não tivesse um número de que podesse dar largas à sua veia cómica, o do bebado do quadro de comédia foi marcado com muito acêrto, o do «compere» «Malaquias» a que Luís Gama emprestou tôda a sua veia cómica, despertando na assistência franca hilariedade.

Deixamos para último a referência feita às sr.as D. Maria Amélia Sarmento, e D. Maria Amélia Morales de los Rios Frois, dois elementos novos de incontestável valor e de uma sensibilidade artística, que aos seus números imprimiram extraordinário realce, não descorando o mais pequeno detalhe podendo afirmar que são duas autênticas artistas, pois cantam e dançam com um grande avontade, mas são dois géneros diferentes.

Nos números de dança, figuram sem dúvida alguma à frente as sr.as D. Josefina Dargent Pereira Caldas, que na «Morte do Cisne» soube dar a essa página musical uma bela interpretação, D. Maria Tereza Ortigão Ramos Jorge, no «São Luão» foi simplesmente impecável, acompanhada muito bem por Pedro de Brito e Cunha, e as meninas Maria Manuela Cascão Anciães e Maria Teresa Morales de los Rios, que podemos dizer, sem receio que nos desmintam, que são umas verdadeiras bailarinas.

Também não podemos deixar de fazer referência aos mais pequenos artistas que ao bailado das «Abelhas» imprestaram a sua graça, são êles as petizas Maria João Pereira Cabral e Lea Zagury Contreiras.

Os restantes intérpretes femininos D. Mariana Anjos Diniz, D Maria de Lourdes da Costa Barros Belmarço, Maria Gabriela da Câmara Pereira, D. Mafalda de Melo Ulrich, D. Maria Manuela Sousa Melo e D. Maria Manuela de Carvalho, esta última numa bela imitação de duas artistas consagradas, foi simplesmente impecável, dando-nos a perfeita ilusão de estarmos em frente das autênticas, bem como os masculinos D. António de Bragança, Francisco Ribeiro Ferreira, D. Fernando Melo de Castro (Pernes), e António Pais de Sande e Castro, deixamos propositadamente êste para o fim porque é de todos o que mais teve de fazer, concorreram para o harmónico conjunto.

A música de Armando da Câmara Rodrigues, bem como os figurinos do José Barbosa, e a encenação de António Pinheiro, concorreram para que a revista «Pronto! é que é!» da autoria de D. José de Siqueira (S. Martinho) e do nosso colega na imprensa Acácio de Paiva, tivesse um êxito retumbante, sendo todos os números de canto e dança bisados.

Antes de encerrarmos estas linhas, não podemos deixar de felicitar a comissão organizadora, pelos três espectáculos de arte e elegância que proporcionou ao público da capital, obtendo ao mesmo tempo, fundos para uma das mais belas obras de caridade, que é a Casa de Protecção e Amparo de Santo António. Bem haja, quem assim faz, e estamos certos, que com tais elementos se poderá conseguir todos os anos espectáculos como êstes, que acabam de efectuar no Politeama.

Casamentos

Na paroquial de Santa Izabel, presidido pelo reverendo prior da freguesia, monsenhor Porfírio Cordeiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Izabel Peile da Costa Maia, gentil filha da sr.ª D. Antónia Peile da Costa Maia, já falecida e do sr. João Carlos da Costa Maia, com o distinto tenente sr. Francisco de Almeida Corrêa de Sá de Lucena, filho da sr.ª D. Mariana de Almeida Corrêa de Sá de Lucena e do distinto clínico sr. dr. Manuel de Lucena, já falecido, tendo servido de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Augusta Peile da Costa Maia e de padrinhos o pai da noiva e os srs. Marquês de Lavradio, e o sr. dr. Fernando Cabral Teixeira Coelho. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia, durante a qual o primo da noiva sr. D. João Seabra da Câmara (Ribeira Grande), se fez ouvir em vários trechos de música sacra, com acompanhamento de orgão, foi servido na elegante e artística residência dos tios paternos da noiva, sr.ª D. Augusta Peile da Costa Maia e do sr. Delfim de Sousa Maia, um finíssimo lanche da pastelaria «Aurea», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a Herdade de Machados, distrito de Beja, propriedade do importante lavrador sr. Samuel Lupi dos Santos Jorge, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia viam-se entre outras as seguintes pessoas:

Marquês de Lavradio e filha, Marquês e Marquesa de Rio Maior, Conde e Condessa das Alcaçovas, Condessa de Sobral e filha, Condessa da Tôrre, Conde e Condessa de Fornos, Viscondessa dos Olivais, D. Izabel Peile da Costa, General D João de Almeida, Coronel Eduardo Corrêa de Sá e D. Maria Carlota de Bragança Corrêa de Sá e filhas, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Monica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, D. Beatriz de Mendonça, Tenente Coronel Alvaro Cesar de Mendonça e D. Maria Rosa de Liz Teixeira de Mendonça e filha, Comandante Joaquim Alberto de Almeida Pinheiro e D. Maria Leonor Santos Almeida Pinheiro e filha, D. Maria José Bessa de Sousa Maia, D Cândida Lupi dos Santos Jorge, D. Maria Augusta Súpico Pinto e filha, D. Maria Rita Vieira da Rocha, Alfredo Fernandes Pereira e D. Izabela Augusta Peile da Costa Pereira, Hugo Navarro de Andrade Belmarço e D. Maria José de Barros da Costa Belmarço e filha, D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, D. Maria Alesina Peile da Costa Leria Pinto, D Maria de Lourdes de Abreu de Azevedo, Dr. Fernando Cabral, Alberto de Sousa Rêgo e D. Maria Izabel de Avilez de Sousa Rêgo, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), Samuel Lupi dos Santos Jorge, D. Luiz de Almada, Lourenço do Casal Ribeiro de Carvalho, Tomaz Pinto Basto e D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, Dr. Luiz de Sousa Faria e Melo, Nuno de Castro Pereira e D. Ezabel Ulrich de Castro Pereira, Lobo Portocarrero da Câmara Melo Velho Cabral e D. Mariana de Soure Portocarrero da Câmara Cabral, Dr. José Duffner e D. Alda de Carvalho Duffner e filha, D. Manuel de Castro, Dr. Luiz Súpico Pinto, Dr. D. Vasco Teles da Gama, D. José Luiz da Câmara de Saldanha (Rio Maior) e D Benerice Rugeroni de Saldanha, Joaquim Correia da Silva (Paço d'Arcos) e D Maria Cândida Magalhães Correia da Silva Jorge Colaço e D. Branca de Gonta Colaço, Teotónio Pereira, D. Maria Tavares Festas, D. António de Almeida (Lavradio), António de Carvalho Monteiro e D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro, Júlio Cabral e D. Maria de Sampaio Cabral, D. Irene de Gonta, Manuel Quintela e D. Maria Helena de Almeida Lima Quintela, José Lupi e D. Maria Amélia Simões Lupi, D Seguismundo da Câmara de Saldanha (Rio Maior), Tenente Coronel aviador António de Sousa Maia e D. Clotilde Ripamonte Dantas Maia, Dr. José de Vilhena de Almeida e Vasconcelos e D Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, Tomaz de Morais Pinto e D. Maria Mendes Morais Pinto e filha, Filipe de Vilhena e D. Carmen Burnay de Vilhena, Wenceslau Sarmento e D. Carmen Sarmento, Dr. Francisco Cortez Pinto e D. Maria Emília Baião Cortez Pinto e filha, D. Maria Gabriela do Casal Ribeiro de Carvalho Marques, D. José de Almeida (Lavradio) Luiz Peile Leiria Pinto e D. Júlia dos Santos Ferreira Leiria Pinto, D. Maria Eugénia Ferreira de Castro, D. Alice da Conceição Pereira, D. Maria Bendita de Oriol Pena, D. Palmira Alves Ferreira, João Sequeira Nunes e D. Cecília Sequeira Nunes, D. Ana de Figueiredo Feio Guião, D. Maria da Madre de Deus Figueira Freire de Castro Constâncio e filhas, Alexandre Tavares Festas, António Maria Ferreira de Castro, Eduardo de Almeida Pinheiro, D. Fernando de Melo de Castro (Pernes), Dr. Fernando de Almeida Vasconcelos, D. Maria de Jesus e D. Maria Eugénia de Almeida Corrêa de Sá de Lucena, D. Palmira da Silveira de Figueiredo, Fausto de Albuquerque, D. António de Mascarenhas (Fronteira), D. Maria Adelaide de Carvalho Emauz Leite Ribeiro, D. Maria Raquel de Potier Monteiro (Ortega), D. Maria Cristina e D. Maria do Carmo Barros de Vasconcelos, D. João Seabra da Câmara (Ribeira Grande), D. Maria Cristina Maia da Câmara, D. Maria Emília Seabra da Câmara (Ribeira Grande), D. Vicente Seabra da Câmara (Ribeira Grande), José de Almeida Corrêa de Sá de Lucena, D. Maria Margarida e D. Maria da Conceição Bessa de Sousa Maia, José Peile da Costa Pereira, António de Pádua Peile da Costa Pereira, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Baptisados

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o baptizado do menino Jorge, gentil filhinho da sr.ª D Odete Fonseca Vioty Carvalho e do alferes de Metralhadoras 1, sr. Fernando Vioty Carvalho, servindo de madrinha a sr.ª D. Berta Prata Dias e de padrinho o tenente de engenharia sr. Rui Travassos dos Santos Dias.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Izabel da Costa Maia, com o tenente sr. Francisco de Almeida Corrêa de Sá de Lucena, efectuado na paroquial de Santa Izabel. Os noivos e convidados, à saída da igreja

(Foto *Álvaro Campeão*).

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. V. 6, 3
Copas — R. 6.
Ouros — — — — —
Paus — R, 9, 3.

Espadas — 9, 8. | Copas — D. 9. | Ouros — D. 7, 6, 4. | Paus — D.

N
O E
S

Espadas — 10, 7. | Copas — V. | Ouros — 10, 8. | Paus — A, V, 7, 6.

Espadas — 4.
Copas — — — — —
Ouros — R, 9, 5, 3.
Paus — 10, 8, 5, 4.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz 8 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga 10 *c*, *N* — A *c*.
N joga V *e*, *E* entra da D. *e* e *S* — A. *e*.
S joga 2 *e*, *N* — 5 *e*.
N joga A *o*, *S* balda-se a R. *c*.
N joga copas até que *E* cubra de Valete.
Nesta altura *S* corta e joga trunfo e *N* faz o R. *e*.
N. terá de baldar-se a uma carta de paus para firmar o 3 *o* de *N*.
N joga 2 *o*, que *S* corta e joga o último trunfo, enforquilhando o jôgo de *O*.
Se *E* não cobre o V. *e*, *S* cede e *N* joga A. *o*, depois copas e o resultado é o mesmo.
Se *E* joga espadas ou ouros, o jogo é conduzido por forma análoga.

Associação feminina chinesa

A resolução de não casar é a principal regra duma sociedade de mulheres solteiras que acaba de formar-se na província de Kwantung, na China.

Cada membro, ao entrar para a sociedade, faz voto de ficar solteira tôda a vida e os fundos da mesma sociedade são aplicados a auxiliar as sócias que precisem obter um modo de vida sem terem de recorrer ao casamento.

Tôdas usam vestidos prêtos, simples, e por penteado, uma comprida trança de cabelo, caída pelas costas abaixo como símbolo de celibato. Dessa associação fazem parte muitas filhas de pais ricos que aceitaram trabalhos inferiores à sua condição só para ganharem a vida e conservarem-se independentes.

Uma avòsinha nova

Uma senhora australiano casou aos treze anos e onze meses. A filha mais velha, nascida dez meses e meio depois, casou aos dezeseis e teve o seu primeiro filho um ano depois, na véspera de sua mãi fazer trinta anos.

Origem das lotarias

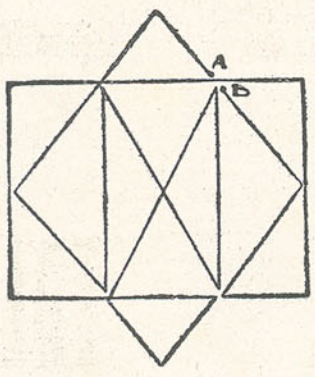
A lotaria é instituïção antiquíssima, e recorda que semelhante jôgo se praticara nas festas populares romanas. Heliogabalo divertia-se muitíssimo, distribuindo aos seus cortezãos bilhetes constando uma parte premiada com coisas úteis, e a outra parte com logros; de modo que a um tocava, por exemplo, seis escravos, a outro... seis môscas!

Em França, êsse jôgo com o nome de *banquè* foi introduzido em 1539, sendo depois suprimido em 1836.

Na Inglaterra, o jôgo da lotaria começou em 1599 e cessou definitivamente em 1824. Em Espanha, começou em 1763; em Portugal, em 1783; na Holanda, cêrca do ano 1726; na Bélgica, em 1526. Na Áustria, a lotaria ficou sendo do Govêrno em 1752; na Rússia, em 1763. Na Noruega, Suécia e Suíça êsse jôgo é completamente desconhecido.

Desenho a traço contínuo

(Solução)



Um homem de 96 anos, mr. George H. Isaacs, de New Bern, nas ilhas Carolinas ficou radiante por lhe ter, ainda agora, nascido uma filha, sentindo-se orgulhoso com tal paternidade.

O que é isso, todavia, comparado com alguns casos que se conhecem, como, por exemplo, o de Kasper Raycol, na Polónia, que casou aos 105 anos, com Margarida Krasiowana, viveram ambos juntos ainda catorze anos e tiveram dois rapazes e uma menina.

Outro record e êste, bastante original é o de Pierre Déjournel, de Barja Vivarais. que foi casado três veses e foi pai de três filhos, tendo nascido um em 1699, outro em 1738 e o terceiro em 1801. Um filho em cada século! Casou pela terceira vez aos 120 anos e morreu com 129.

Porém, um homem que tenha ultrapassado todos os *records* da paternidade em idade avançada, deve com certeza ter sido Neils Paulsen, o qual morreu em Upsala, na Suécia, em 1907, com 160 anos, deixando dois filhos, um com 103 e outro com 9.

Encontrar o rifão

(Passatempo)

Escrevam-se num papel as seguintes fantásticas e desconhecidas palavras, as quais, pelo aspecto e pela dificuldade da pronúncia, dão ares de não pertencerem a nenhuma das línguas conhecidas.

M A S L Z
I V E E M
A D R F U
I B I Q E
E Z U E O
E E U U A
S S B R A

Feito isto, a questão está agora em colocar estas sete palavras, ou antes estas sete filas de letras, noutra disposição; porém de forma que, sem alterar a ordem em que as letras estão colocadas em cada fila, se possa ler em colunas verticais consecutivas um rifão português, bastante conhecida.

Assás curioso

Na ultra-civilizada Alemanha foi publicado, há tempo, um regulamento para as raparigas alemãs. Compõe-se de cinco mandamentos, a saber:

1.º — Serás a serva de teu marido; serás para êle uma esposa obediente e fiel;

2.º — Apenas cuidarás da tua casa, de teu marido e de teus filhos;

3.º — Nunca te ocuparás de política;

4.º — Não te divorciarás;

5.º — Educarás os teus filhos segundo os princípios, ensinando-lhes antes de mais nada a ser bons alemãis e a odiar os judeus, assim como todos os outros inimigos da pátria.

Não sabemos como as alemãs tomariam esta ordem do chefe supremo do seu país, mas parece-nos que, sobretudo a primeira parte do primeiro mandamento é mais adequada aos tempos primitivos e selvagens do que à actual civilização e à situação presente da mulher livre, digna e culta.

Sáias salva-vidas

Fran Maria Web, viúva dum lavrador, ao ser assaltada por um bandido em Burgenland, na Áustria, fustigou o cavalo em que montava e fugiu. O ladrão disparou, mas a bala atravessou apenas dez das saias que a mulher levava. Esta costuma sempre usar doze no inverno

Na estação de caminho de ferro.
1.º amigo: — Olá! por aqui? Vais para fora?
2.º amigo: — Não, homem... Viemos para aqui por ser êste o único sítio onde nos podemos abraçar, sem que uma data de imbecis fique logo pasmada a olhar para nós!

(Do «The Happy Magazine»).

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da païsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas.*

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

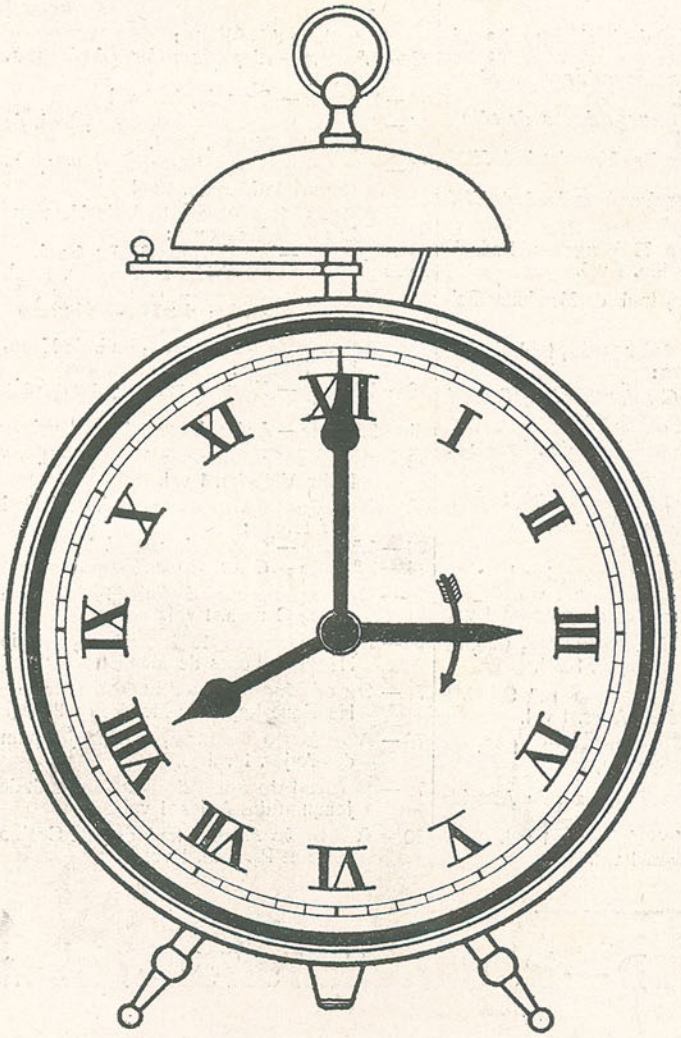
Pulverise **FLIT** *o inimigo implacavel dos insectos*

Não aceite substitutos, pois não conseguirá matar as moscas . . .

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. **Nenhum producto vendido avulso é Flit.** Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PÓ FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.

FLIT mata SEMPRE!



TALVEZ NÃO SAIBA

que a Companhia se encarrega de o despertar a qualquer hora.

Se o seu telefone é automático marque 92 e peça à telefonista para o despertar à hora desejada.

Se o telefone é manual chame a "Chefe da Estação» e diga-lhe a hora a que quere ser chamado.

Êste serviço custa apenas o preço de "Uma CHAMADA LOCAL».

The Anglo-Portuguese Telephone Co., Ltd.

RUA NOVA DA TRINDADE, 43

LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Joan.* 1 vol.

6 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.° milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**

Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CRIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

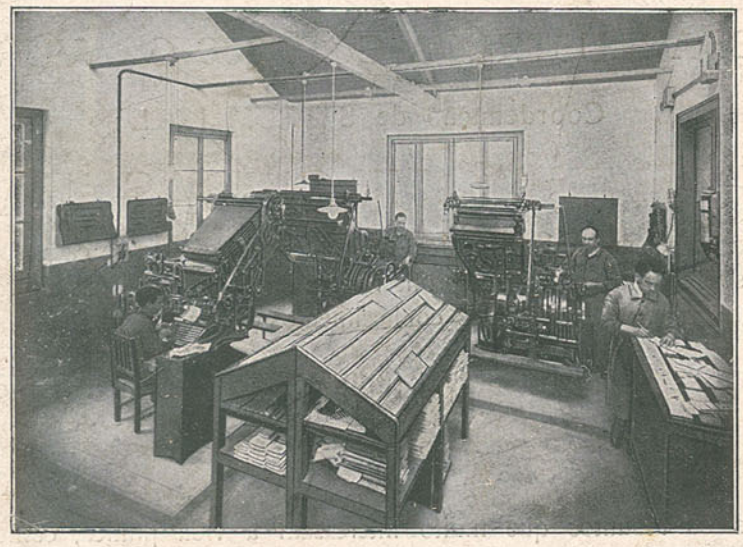
Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

Secção especial de publicações ultra-rápidas



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

Almanaque Bertrand

e

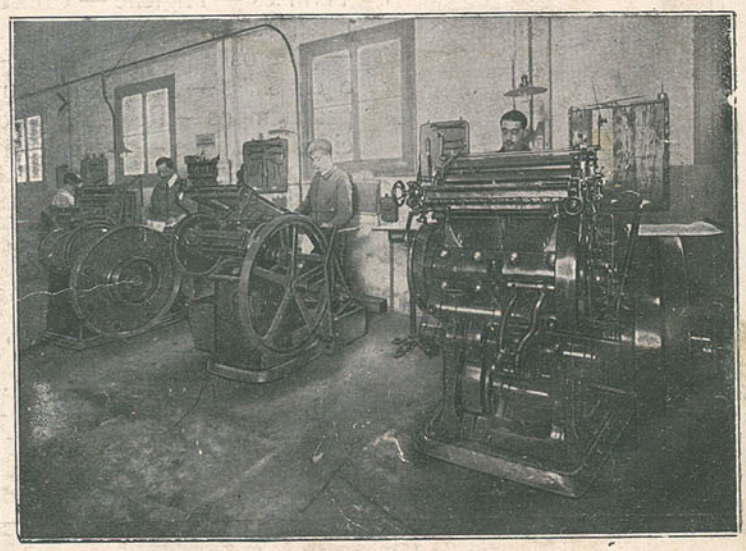
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão